

# DIWAN<sup>1</sup>

DE

**Augusto Soromenho**

---

<sup>1</sup> Esta palavra – Diwan – já se escrevia com “v” – Divan – em português. Atualmente se escreve “Divã”. Conservamos a grafia do autor, pelo sabor orientalizante da grafia. Adotamos o mesmo procedimento com outras palavras de origem árabe ou com ele relacionadas, pela mesma razão. Em sua sétima edição, de 1877, o *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, traz o seguinte interessante verbete: “**Divan**, s. m. (palav. adop. do Árab. e deriv. do verbo *dana*, que na 2ª conjug. significa, coligir escritos, escrever, ou fazer memória de tudo o que se passa). O Conselho de estado do Turco: a casa onde se ajunta: ‘no mesmo *divan* foi apunhalado’. § \* Espécie de sofá. § Coleção de poesias árabes, cada uma das quais é chamada *gazel*. § Nome dado por Goethe, e à imitação dele por outros poetas, a uma coleção de poesias no gosto oriental.” Esta edição foi preparada com base na primeira, não datada, mas de 1855. O Prof. Francisco Topa, a quem agradecemos, enviou-nos um exemplar digitalizado, no qual nos baseamos. Editores: José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira.

**PORTO**

**AO SEU AMIGO**

**o Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr.**

**MANUEL DE CLAMOUSE BROWNE,**

**em testemunho de amizade**

**O. D. C.**

**O AUTOR.**

**QUEM CANTA SEU MAL ESPANTA;  
QUEM CHORA SEU MAL AUMENTA;  
É EU CANTO PARA ESPALHAR  
UMA DOR QUE ME ATORMENTA!**

## DIWAN

### I

Eis-me poeta. E que me importa o riso  
Dos néscios? Bem conheço que é difícil,  
Depois de João de Lemos,  
Fazer coisa de jeito; mas, se todos  
Pensassem desse modo, quantos versos,  
Depois dos de Bocage  
Ou Camões se fariam? – Quem, à noite,  
Escuta o rouxinol, também às vezes  
Ouve os pios do mocho,  
E o coaxar da rã. Que tem que venha  
O pobre quincalheiro,<sup>2</sup>  
Oferecer-nos, a troco d’alguns cobres,  
Cristais por esmeraldas e topázios?  
Quem não quer, que os não compre!  
Eu sei que os versos meus são muito pobres;  
Porem, no lixo, às vezes, se deparam  
Custosos diamantes  
E pérolas de preço!

---

<sup>2</sup> quincalheiro.] quincalheiro. – em DIWAN. Essa palavra não consta do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão *on-line*). O *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, em sua 6ª edição, de 1858, dá a palavra como variante de “quinquilheiro” – o que vende quinquilharias.

II

Tu queres uma flor? Vou dar-te, Júlia,  
Daquelas que só brotam  
No jardim do meu peito. Ali não sentem  
Mais que o triste sussurro  
Dos meus suspiros. Rego-as de contínuo  
Com o pranto dos meus olhos!  
Tornei-me jardineiro;  
E eis todo o meu prazer. Fiz do meu peito  
A quinta onde cultivo  
As flores de minha alma.  
São mimosas, mas são imarcessíveis  
Como a perpétua. Ofereço-te uma dessas:  
Aí tens: É uma saudade!

**III**

Fui aos campos do passado,  
Onde já vivi d'amor:  
Rosas, em cujos espinhos  
Me ferira, achei mirradas,  
Murchas, pálidas, sem cor!  
Belezas, viço, que tinham  
Roubou-lhes do sol o ardor!  
Tudo triste! Mas, ainda,  
No lugar em que eu amara,  
Estava isolada uma flor,  
Linda, mas triste; parecia  
Ter um reflexo de dor.  
Sempre orvalhada de pranto!  
Sempre em negra soledade!  
Ai! era a flor da "saudade"  
Era inda um resto d'amor!

IV

Amor! quem sabe o que és? Todos te sentem:  
A ave que descanta,  
A virgem que suspira,  
E até eu mesmo. E qual de nós conhece  
A causa dos pesares  
Que sofre? Às vezes brotas, como a rosa,  
Nos olhos da donzela;  
Às vezes, no seu peito  
Cantas; aí te aninhas e te encontram  
Incautos curiosos  
Que erguer o véu das graças  
Pretendem! Mas que és tu: mel ou cicuta?  
Se rosa és, tens espinhos;  
Tens doçuras, se és mel!<sup>3</sup> Onde é teu sólio?  
Ai! tens do mundo o império!  
Amor! amor! a Sphinx<sup>4</sup> que te guarda  
Não pode achar Édipo!<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> mel!] fel! – em DIWAN (o que seria uma contradição, e não se justifica).

<sup>4</sup> Forma latina da palavra “esfinge”.

<sup>5</sup> Édipo (grafia alatinada de “Ædipus”) – em consonância com “Sphinx” –; no verso, a palavra – Édipo – é paroxítona – o verso é hexassílabo.

V

O que é a vida? É uma rosa,  
Que o medonho furacão,  
Ora na haste a desfolha,  
Ora arranca inda em botão.

Ai! quando o sopro da morte  
Minhas folhas dispersar,  
O mirrado, 'stéril<sup>6</sup> tronco  
Não mo deixem cá ficar.

Abram na terra uma vala  
Bem funda, e enterrem-no ali;  
Ponham-lhe em cima este lema:  
“A vida termina aqui.”

---

<sup>6</sup> 'stéril] stéril – em DIWAN.

VI

A vida é assim. Se digo o que a alma sente,  
Em frases comezinhas  
Não me creem e riem-se! Não sabem  
Que pode a branda aragem  
Da tempestade ser preságio;<sup>7</sup> e o lago  
De tranquila aparência  
No âmago ocultar monstros! Misérias  
Desta nossa existência!  
Mas, se, em versos cadentes, falo em mágoas,  
E rimo mil tristezas  
Com outras tantas dores, todos dizem:  
“Muito sofre este homem!”  
E, diga-se a verdade, eu, raras vezes,  
Fiz versos que os sentisse!<sup>8</sup>  
Por isso é que não creio em ceticismos  
Em verso apregoados!  
Já tenho visto os Byrons da moda  
Renderem culto às damas,  
E dizerem depois – “não creio!” – Petas!  
Tanto me fio eu nisso,  
Como na água que leva agora o Douro!

---

<sup>7</sup> A forma “preságio”, usada por diversos escritores (como Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro, Coelho Neto) consta no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão *on-line*). O *Grande dicionário da língua portuguesa* (1949-1959) a dá como forma errada de “presságio”.

<sup>8</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Não é possível determinar se há, aqui, separação de estrofes.

## VII

Se a alma se reflete  
Nos olhos, como os céus  
No lago, a minha imagem  
Devo julgar impressa  
Na tua, pois a vejo  
Nos lindos olhos teus.

Não faças como o lago,  
Que tudo em si retrata,  
Se bem que a luz dos céus  
É a mais constante. Eu quero  
Ver só a minha imagem  
Nos lindos olhos teus!

**VIII**

Ai! pobre coração! Pois vives triste?  
Ora! deixa-te disso!  
Não faças caso de pequenos nada  
Em que se passa a vida.  
O mundo é um leito, onde dormimos todos  
O sono da existência.  
E que importa ter sonhos tormentosos,  
Ou sonhos de delícias?  
Tudo acaba, por fim, quando desponta  
O sol duma outra vida.

Para que gemes, pois? Quando acordares,  
Já nem te lembras disso!

IX

Tu foste uma noite ao baile  
E aqui sozinho fiquei!  
Quis que de mim te lembrasses  
Entre o bulício da dança,  
E um adereço te formei.  
Fui sentar-me sobre as rochas,  
Meus prantos cristalizei;  
Fiz das lágrimas as pérolas,  
Com que o colo te adornei;  
Dei-te um *bouquet* de suspiros...  
Louco que eu fui! Não pensei  
Que eles assim desfolhassem  
Numa valsa. Hoje é que eu sei!<sup>9</sup>  
E tu, nem, quando espalhadas,  
Viste as flores que te eu dei.<sup>10</sup>  
De mim te lembraste? É o mesmo!  
Faço de conta que ao vento  
Meus suspiros entreguei;  
E os prantos...<sup>11</sup> isso, imagino  
Que nas rochas os deixei.  
A vida é um sonho; acabando  
Que serve dizer – “gozei!”?

---

<sup>9</sup> Em DIWAN o verso seguinte vem em outra página. Não é possível determinar se há, aqui, separação de estrofes.

<sup>10</sup> dei.] dei – em DIWAN.

<sup>11</sup> prantos...] prantos.... – em DIWAN.

X

No meu peito há sempre inverno;  
Sempre a medonha estação  
Me arranca as mimosas flores  
Que brotam no coração.

Só uma lá vive isenta  
Do furor da tempestade;  
Nasceu dos restos dum beijo:  
Chamam-lhe a flor da – *saudade* –.

**XI**

A morte é a noite. Enquanto é dia, amigos,  
O tempo aproveitemos  
Em ser úteis àqueles<sup>12</sup> que nos seguem  
Neste vale de lágrimas.  
Antes do pôr do sol, façamos contas,  
Preparemos bagagens;  
E, quando a hora soar para a partida,  
Deixemos aos que sofrem  
Uma herança de lágrimas e bênçãos.  
Que melhor companhia  
Que as orações daqueles que encontraram  
Em nós socorro e alívio?

Feliz o que, ao soar da meia-noite,  
Dormir plácido sono,  
Sem visões pavorosas, sem remorsos,  
No seu leito tranquilo!

---

<sup>12</sup> àqueles] à aqueles – em DIWAN.

**XII**

Perguntas por que suspiro?  
Eu te vou dar a razão:

“Este suspiro é uma história  
De triste recordação;  
É uma página rasgada  
No livro do coração!”<sup>13</sup>

Mas queres saber a causa?  
Pois atenta nos meus olhos,  
Que eles ta revelarão:  
– Pela imagem que lá vires,  
Todos meus suspiros são!

---

<sup>13</sup> Em DIWAN, todos os versos desta estrofe trazem aspas de abertura no início.

**XIII**

Mal desperto do sono do impossível,  
Ainda espreguiçando<sup>14</sup> e abrindo a boca,  
Quando, com passo incerto, ia da vida  
O limiar transpor,  
Veio o empresário deste grande *Scala*,  
A que se chama o “Mundo”, escriturar-me  
Para primeiro tenor.

Há vinte e duas récitas somente;  
E que papéis que eu tenho feito! Bufo,  
Galã, padre, tirano e jornalista;  
E os mais que inda farei!  
Hoje faço o de esposo e de poeta;  
Talvez breve o de pai; mas de viúvo  
Jamais o aceitarei!

Tenho feito *furore* e tido *bravos*!  
Tenho feito *fiasco*, e, muitas vezes,  
Sofrido pateada. Palmas, coroas  
Só as quero ir ganhar  
No céu. Espero só que a voz me falhe,  
E que o empresário rasgue as escrituras,  
Para me pôr a andar!

---

<sup>14</sup> espreguiçando] espreguiçando – em DIWAN.

**XIV**

Que fraca sacerdotisa,  
Que não sabe conservar  
Sempre viva a chama ardente  
Que na ara soube atear  
Da minha alma! Extinto o fogo,<sup>15</sup>  
Vem o vento dispersar  
Estas cinzas; se as tu queres  
Num cofrezinho guardar,  
Guarda-as no peito. As saudades  
Das venturas, que perdemos,  
Sempre nos devem ficar!

---

<sup>15</sup> No exemplar digitalizado de DIWAN não há essa vírgula.

**XV**

Gosto de estar ao pé de ti, se choras;  
E pego na carteira  
E escrevo as impressões que tu me causas.  
Não penses que é cinismo: isto é poesia:  
Poeta foi Petrarca  
Sentado junto à fonte de Vaucluse;  
E junto da Niágara  
O foi Chateaubriand. Todos se inspiram  
Da fonte que murmura,  
Do regato que corre sussurrando,  
E até da catarata que rebrame!  
E eu, que, quando choras,  
Tenho em ti fonte, rio e catarata,  
Posso não ser poeta?  
Tenho razões para o ser mais que Petrarca  
E que o autor d'Atala!

XVI

Guarda-os; eu cá não tos quero:  
Dás tanto apreço aos teus beijos  
Como que se eles valessem  
Mundos e fundos. Morrer?  
Eu não morro de desejos;  
Dá-os a quem tos quiser.  
Nem eu sei que valha a pena  
Dar valor à ninharia  
Dos beijos duma mulher...<sup>16</sup>  
Afinal de contas, estes  
São como os doutra qualquer!  
Mas crês que os teus valem muito?  
Guarda-os; eu cá não preciso;  
Dá-os a quem tos quiser!

---

<sup>16</sup> mulher...] mulher.... – em DIWAN.

**XVII**

Não chores. Deixa o pranto aos que imaginam  
Tristezas minorar, gozar venturas  
    À força de lamúrias.  
De que vale chorar? o pranto é nulo!  
    Ai! que se ele valesse,  
Zuleikha aos braços de Zelim voltara,<sup>17</sup>  
Aos de Camões Natércia; e aos de Petrarca  
A idolatrada Laura. Pelas serras  
    Da enamorada Cintra,  
Bem carpiu Bernardim; e ela? escutou-o  
A sua Beatriz? – Assim é sempre!  
– Era bem bom que as lágrimas nos dessem  
Aquilo que se quer! Até eu mesmo,  
    Que cismo, há muito tempo,  
Em possuir gentil, formosa dama,  
    Chorava, se assim fosse!

---

<sup>17</sup> Conservamos grafia dos nomes: Zuleika e Selim, do poema *The bride of Abidos: a Turkish tale*, de Lord Byron. Ver nota 1.

**XVIII**

Eu sofro, mas recebo com um sorriso  
As mágoas, que me vêm;  
E para que chorar? De que vale isso?  
Olha: vês tu, além,  
Um lago, em cuja face se retrata  
A pura luz do céu?  
Atira-lhe uma pedra...<sup>18</sup> Oh! vê? apenas  
O seio lhe fendeu,  
Agitou-se, encrespou, gemeu, e logo  
Tremendo, serenou!  
– Tal é a minha alma: agita-se e suspira  
Se a dor a atravessou:  
Mas, logo após, o riso costumado  
Retoma os lábios meus;  
Qual volta o lago, mal serena a face,  
A retratar os céus!  
E de que vale andar contando aos outros  
Um íntimo sofrer?  
Um doente, nas mãos da medicina,  
Não deixa de morrer!

---

<sup>18</sup> pedra...] pedra.... – em DIWAN.

**XIX**

Hei de amar-te enquanto exista;  
E, quando a noite descer  
Da morte, a campa comigo  
Há de este amor envolver.

Depois, no dia terrível,  
Comigo ressurgirá,  
Perante o Juiz Supremo  
No vale de Josafá.

**XX**

Solta-me o coração. Que gosto encontras  
Em teres-mo cativo?  
Apraz-te ouvir gemer encarcerado  
O rouxinol prantivo?

Ó rouxinol! que é dessa liberdade,  
Que tinhas na floresta?  
Amor! amor! d'ouvirmos teus conselhos  
A recompensa é esta!

**XXI**

Linda filha do vaqueiro,  
Levava o gado a pastar...<sup>19</sup>  
“Olha: o sol está muito ardente;  
Pode-te a face crestar!”<sup>20</sup>

E ela saltou-me ao pescoço;  
Começou a me beijar...  
“Foge! Não quero os teus beijos;  
Não, que me podem matar!”

E ela fugiu de meus braços,  
Foi-se no monte ocultar.  
À tarde fui procurá-la...<sup>21</sup>  
O gado andava a pastar...<sup>22</sup>  
“Linda filha do vaqueiro,  
Por que dormes a chorar?”

---

<sup>19</sup> pastar...] pastar.... – em DIWAN.

<sup>20</sup> Em DIWAN, este verso está ao pé da página e traz aspas também no início (o mesmo acontece no último verso das estrofes seguintes. Não é possível saber com certeza se há (ou não) aqui divisão de estrofes – a organização do texto sugere que sim.

<sup>21</sup> procurá-la...] procurá-la ... – em DIWAN.

<sup>22</sup> pastar...] pastar.... – em DIWAN.

**XXII**

Como são lindos teus olhos!  
Não me dirás, anjo meu,  
Por que os dous mais belos astros  
Hoje não brilham no céu?

**XXIII**

Não creias. Foi, por força, algum pedante,  
Que te disse; “a alma acaba.”  
Ágora!<sup>23</sup> Bem sabe ele disso! A alma  
É um viajante eterno  
A quem o corpo serve de veículo,  
Para passar barrancos,  
E atalhos perigosos, nesta estrada,  
A que se chama a “vida”.  
“Porém, dirás talvez, o corpo morre;  
E a alma?” Pois não sabes?  
Essa chega à portela do sepulcro,  
E, ali, quebrando o carro,  
Caminha a pé e só pra a Eternidade.

---

<sup>23</sup> Ágora!: ver a nota relativa a este poema ao final do livro.

**XXIV**

De que serve este mundo sem amigos?  
Aprez-te ir passear,  
Num jardim, onde, ao menos, uma rosa  
Não podes encontrar?

Agrada-te uma noite, em que uma estrela  
Não brilha na amplidão?  
Gostas dum mar, onde não há um porto?  
Gostas?! Pois olha: eu não!

A mim aprez-me a selva, onde se encontram,  
Cantando, ao pôr do sol,  
O verdelhão, o melro, a tutinegra,  
A rola e o rouxinol!

Em cada um desses cânticos se encontra  
O bálsamo a uma dor...<sup>24</sup>  
– Quem sabe se podia, sem o orvalho,  
Viver no prado a flor!?

---

<sup>24</sup> dor...] dor.... – em DIWAN.

**XXV**

Sempre, sempre! O amor, que eu sinto,  
Jamais se pode extinguir:  
A minha alma já te amava,  
Antes de o corpo existir!

Quanto te amo, enquanto<sup>25</sup> vivo,  
Hei de amar-te inda nos céus:  
Imortal, como a minha alma,  
Este amor veio de Deus!

---

<sup>25</sup> enquanto] em quanto – em DIWAN. Haverá nessa diferença de grafias alguma distinção de sentido?

**XXVI**

A minha gentil amada  
Muito linda é quando chora!  
Parece a rosa orvalhada  
Pelas lágrimas da aurora!

XXVII

“Vens comigo ao cemitério?”<sup>26</sup>  
– Vou, minha filha. – E parti.  
Na capa que me cobria  
Seu frágil corpo envolvi.  
“Não é tão triste?” – É – “Procura-me  
Uma campa que não tem  
Mais que – *Aqui jaz* – mas sem nome;  
E a data em branco também.”<sup>27</sup>  
– É esta? – “É. Vês a rosa?  
Como a vida aqui nasceu:  
Sempre próxima da morte,  
Mas voltada para o céu.  
Dele o orvalho recebia;  
Mas na terra vegetou:  
Seu perfume ao céu mandava;  
Mas sobre a campa murchou.”<sup>28</sup>  
– Tens frio? – “Todo meu corpo  
Já começa a arrefecer:  
Minha mãe abre-me o seio:  
Hei de me nele aquecer.  
Fecha os olhos...”<sup>29</sup>  
Ao abri-los,  
Inda a loisa ia a descer!

---

<sup>26</sup> Aqui termina a pergunta iniciada por aspas. Não as fechamos, por acreditar que há nisso algum sentido.

<sup>27</sup> Em DIWAN, todos os versos situados entre as aspas de abertura e de fechamento trazem aspas de abertura no início – o que ocorre ao longo de todo o poema.

<sup>28</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Não é possível determinar se há, aqui, separação de estrofes. Acreditamos que não.

<sup>29</sup> olhos...] olhos... – em DIWAN (nessa edição, este verso e os três que o antecedem trazem aspas de abertura no início). Normalmente, aqui as aspas deveriam ter sido fechadas... entretanto, como no primeiro verso do poema, não as fechamos, pelo mesmo motivo.

**XXVIII**

Podes abrir os teus olhos!  
Já me não mata esse fogo,  
Que agora neles transluz!  
Já te não amo! E loucura  
Era ser a mariposa,  
Que se abrasa numa luz,  
Que os outros mais alumia  
E com seu brilho os seduz!  
Podes abrir os teus olhos!  
Já me não mata esse fogo,  
Que agora neles transluz!

**XXIX**

Aonde vais, amigo? Pelas ruas  
    Em torno à casa dela,  
Está tudo inundado com meus prantos;  
    E podes ir no enxurro  
E afogar-te. Detém-te: vê que as rosas  
    Não brotam no Oceano.  
É noite, e noite negra d'amargura;  
    O sol, bem vês, não brilha,  
E a lua não surgiu. Vais às escuras  
    E podes-te perder  
Pelas quelhas do amor, onde os espinhos  
    Vivem junto das rosas;  
Rosas d'amor, mas rosas desfolhadas,  
    E murchas pelos beijos  
Do rouxinol lascivo. Olha: nem hoje  
    As quer o turvo mocho!  
E teimas! Vai; mas lembra-te que encontras,  
    Em vez de mel, cicuta!

**XXX**

É este o sítio onde eu amei outrora;  
É esta a fonte, junto à qual eu vinha  
Sentar-me a suspirar.  
É este o monte, onde a encontrava às tardes;  
É este o choupo, a cuja fresca sombra  
Eu vinha repousar.

Inda o mesmo regato além murmura;  
E a mesma faia ainda as folhas move  
Em branda agitação!  
Tudo é o mesmo; só eu, só ela, e as aves  
Estamos tristes: cantamos as saudades  
Em vez do amor d'então!

**XXXI**

Eu, quando, às vezes, te vejo  
Tuas amigas beijar,  
Sinto desejos de ir logo  
Aos lábios delas buscar  
Os beijos que lá deixaste.  
Se não fosse o recear  
Que com os delas mos trocassem!  
Mas inda assim vale a pena.  
Hei de os teus beijos roubar  
Aos lábios onde os deixares;  
Pois estou certo que, pedindo-os,  
Mos hão de sempre negar!

**XXXII**

O amor é um tifo, é uma febre aguda;  
Que a vida nos consome,  
E a que o médico, a esperança, só receita,  
Segundo a homeopatia,  
As lágrimas! A minha é perniciosa  
E não tarda o delírio!  
Entreguei-me nas mãos da alopatia,  
Que de meus pais tratara;  
Porém estou pior que dantes estava,  
E o médico assistente,  
Abandonou-me; mas cá tenho ainda  
Um cáustico, a saudade,  
A espicaçar-me o peito. Vem, Maria,  
E traze-me a esperança,  
Que, sem ela, não sei que tenha alívio,  
Esta cruel doença!

**XXXIII**

Não leias mais romances. Não pretendas  
Passar por literata  
*Bas-bleu*, praga enfadonha, que provoca  
O riso dos que exercem  
Das letras o mister. De que te serve  
O ler Eugênio Sue,  
Féval ou Soulié? Ficas sabendo,  
Talvez amando, o vício,  
E pervertida!<sup>30</sup> Deixa essas leituras,  
Que te não dão proveito,  
E te fazem perder essa pureza  
De cândida inocência,  
Que é tudo na mulher. Lê antes livros,  
Onde aprendas doutrinas  
De virtude. Sem ela, minha Júlia,  
Há dique que estorve<sup>31</sup>  
Das paixões a torrente impetuosa,  
Que as afeições esmaga,  
Que às flores d'alma as pétalas arranca,  
E vai no mar do vício  
Confundi-las nas ondas da torpeza!  
Ai! deixa essas leituras!  
Retoma o véu, que já deposto havias.  
As coroas da virtude,  
São mais belas que o riso dos que apontam  
Uma mulher perdida!

---

<sup>30</sup> E pervertida!] E prevertida! – em DIWAN.

<sup>31</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

**XXXIV**

Como estás pálida, rosa!  
Maltratou-te o rouxinol?  
Beijou-te muito? E deixaste?!  
Louquinha! pois não sabias,  
Que é o prazer é como o sol?!

**XXXV**

Eu li uns versos meus, de há muito tempo,  
E ri-me com vontade  
Daqueles despropósitos rimados,  
Que eu consagrava à dama  
Das minhas afeições. Mas que poesia!  
Pareceu-me uma hecatombe  
De palavrões por mim sacrificados  
À consoante e ao metro.  
Que doce vida aquela! Oh! quem me dera,  
Não ser esse poeta,  
Que era então; mas gozar, ter a alegria  
Daqueles belos tempos  
De crença e d' ilusão! e das poesias  
Somente desejava  
Riscar-lhes o meu nome. Não sofria,  
Ao menos, o desgosto<sup>32</sup>  
De ver os versos meus e os meus amores  
De rastros pelas ruas!

Mulheres, que eu cantei nas minhas trovas,  
Mal vós então pensáveis  
Que inda um dia andaríeis pelas tendas  
A embrulhar cominhos?

---

<sup>32</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

**XXXVI**

Aonde há destas flores? – No meu peito.  
Quem aí as cultiva? – A minha dor.  
Com que as regas? – Com o pranto de meus olhos.  
Qual é seu nome? – Chamam-lhe “saudades”.  
Que te deu a semente? – Foi o amor!

**XXXVII**

Apareceu-me uma fada, uma tarde,<sup>33</sup>  
Que eu nadava sozinho no Douro:  
“Vem comigo; anda ver um tesouro”;  
E, abraçado com ela, desci.  
Lá no fundo encontrei uma virgem,  
Que seus braços para mim estendia;  
E cantou-me o final da *Lucia*,<sup>34</sup>  
Como nunca em S. Carlos ouvi!

Que ternuras, que amor, que delírio!  
Ai! que instantes de gozo e saudade!  
Dei-lhe beijos, chamei-lhe deidade;  
Fiz-lhe em prosa um protesto d’amor.  
E depois...<sup>35</sup> ai! depois? Não to digo,  
Pois talvez que, sabendo-o, lá fosses!...  
Quando às tarde lá vou dá-me doces,  
Dá-me beijos, Champagne e licor!

---

<sup>33</sup> Leia-se: “Apareceu-m’ ua fada, uma tarde”. O verso é eneassílabo.

<sup>34</sup> Não acentuamos o nome “Lúcia” (que teria em português), para preservar-lhe a pronúncia francesa – para que o verso tenha as mesmas nove sílabas dos demais.

<sup>35</sup> E depois...] E depois.... – em DIWAN.

**XXXVIII**

Maria, por que choras?  
Tens medo de morrer?  
Pois olha, que a existência  
Não é melhor. Sofrer  
Do berço até à tumba  
Eis tudo. Nesta vida  
É raro outro prazer.  
Um dia, um mês, um ano,  
E anos se nos passam  
Na esperança de inda ver  
Raiar ditosos dias...<sup>36</sup>  
Mas fica-nos o crer!  
É tudo um sonho. Apenas  
O que nós certo temos  
É a morte. Essa não falta,<sup>37</sup>  
Ao seu contrato. E choras<sup>38</sup>  
Com medo de morrer?  
Pois olha que é preciso  
Ter muito amor à vida  
Para inda querer viver!

---

<sup>36</sup> dias...] dias.... – em DIWAN.

<sup>37</sup> falta,] falta – em DIWAN.

<sup>38</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

**XXXIX**

Não sabes em que eu pensava?  
Olha: em ti não era, não;  
Tinha agora o pensamento  
Bem longe do coração.

\*

Só penso em ti, de ti longe,  
Quando me aperta a saudade:  
Mas queres que te eu responda?  
Pois vou dizer-te a verdade:  
“Como anseio ter ventura,  
Pensava na Eternidade!”<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Em DIWAN, este verso traz, no início, aspas de abertura.

**XL**

Rosa, por que não crês já nos meus versos?  
Acaso conheceste  
Que não eram sentidos? Mal tu sabes  
O bem que me fizeste  
Com essa descoberta! Que torturas,  
Buscando um pensamento,  
Às vezes, eu passei, para dar-te uns versos  
De falso sentimento!  
É sempre assim. Pedia ao Lusitano  
Palavras retumbantes;  
E adormeci mil vezes no Guerreiro  
Buscando as consoantes!  
Era um prazer; mas era um sacrifício,  
Que tu me não merecias!  
Gastei papel e tempo aproveitável  
Fazendo-te poesias,<sup>40</sup>  
Que, só pelo trabalho, não pagavas  
Com quanto<sup>41</sup> amor tivesses!  
Se os versos e os pedidos que eu fazia  
Ao menos compreendesses!

Fizeste muito bem, Rosa; obrigado.  
Desculpa se a mentira  
O canto foi que eu sempre a ti sagrava  
Na improvisada lira!

---

<sup>40</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

<sup>41</sup> Assim em DIWAN. Poderia ser “Conquanto”; porém, “Com quanto” também faz sentido.

**XLI**

Esses teus formosos olhos,  
À flor da face mimosa,  
Parecem dous pirilampos  
Poisados sobre uma rosa!

**XLII**

A vida é breve, como é breve o tempo,  
Que passa no Oratório  
O condenado. E o que é mais o mundo  
Que um Oratório! A tumba é o cadafalso,  
Onde a morte, medonho algoz da vida,  
Separa a alma do corpo!  
Porém, dizia eu, a vida é breve!  
É breve, sim, senhores;  
Senão que o diga o padre Antônio Silos,  
Que, tendo setenta anos,  
Morreu dizendo: “Eu nada fiz na vida;  
E agora começava  
A viver e a ser útil ao meu próximo.  
O tempo desperdiçado  
Na mocidade, agora aproveitava-o  
Em espalhar venturas<sup>42</sup>  
Por aqueles que sofrem. Mais um ano  
E eu terminaria  
A minha obra. Ó Deus! mais um momento!”<sup>43</sup>  
Mas ele foi-se andando

Sucedo o mesmo a muita gente  
Sem ser o padre Antônio!

---

<sup>42</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

<sup>43</sup> Em DIWAN, todos os versos situados entre o que traz as aspas de abertura e este, que traz as de fechamento, têm aspas de abertura no início.

**XLIII**

Sofre e resigna-te. Embora  
Te não console ninguém!  
Que valem glórias da vida,  
Se a vida é nada? Não chores.  
Já leste a vida do Tasso  
E Ignês de Castro? Pois bem:  
– Sucede o mesmo à virtude:  
Depois de morto, coroadado  
É sempre aquele que a tem!

**XLIV**

Tu deixas-me sozinho  
E dormes; mas, sem véu,  
Lá fulge a minha estrela!...<sup>44</sup>  
Aquela, sim, que ingrata  
Jamais a encontrei eu!...<sup>45</sup>  
E tu!...<sup>46</sup> Ai! não. Eu amo-te...<sup>47</sup>  
Desprezo o brilho seu,  
Que igual é para todos.  
A luz desses teus olhos  
Não é como a do céu,  
Que a goza o lago e a fonte.  
Meu astro! o brilho teu  
O espelho em que reflete  
É só no peito meu!...<sup>48</sup>

---

<sup>44</sup> estrela!...] estrela!.. – em DIWAN.

<sup>45</sup> eu!...] eu!.. – em DIWAN.

<sup>46</sup> E tu!...] E tu!.. – em DIWAN.

<sup>47</sup> Eu amo-te...] Eu amo-te ... – em DIWAN.

<sup>48</sup> meu!...] meu! . – em DIWAN.

**XLV**

Que horrível noite! O vento, a chuva, tudo  
Contra mim se conspira!  
Trevas no céu, e trevas sobre a terra;  
Em volta de mim trevas!  
Apenas vejo além uma luzinha,  
Sinal misterioso,  
Que me faz ir chuchar um aguaceiro  
A troco dum bilhete  
Perfumado d'almíscar! – Triste coisa  
É andar enamorado!  
Eu quando penso no que tenho feito,  
Por causa das mulheres,  
Pasma! E a luz? Sumiu-se! Era o correio  
Que vai para a Amarante!

**XLVI**

As casas formaram alas,  
À luz pálida da lua,  
Quando eu ia pela rua  
Em frente da catedral.  
O sino deu meia-noite...  
Era o sinal. À janela  
Assomou o rosto dela...<sup>49</sup>  
Já a lua se via mal.  
Obrigado, ó astro amigo!  
Vai, manda-me a escuridade;  
Deixa-me aqui à vontade...<sup>50</sup>  
Vai brilhar em outros céus.  
Amanhã ver-me-ás mais triste.  
Demorar-te-ás mais. Não tens  
Quem te ofusque o brilho. Vens?  
Pois sim; vem. Por hoje – adeus!

---

<sup>49</sup> dela...] dela.. – em DIWAN.

<sup>50</sup> vontade...] vontade..... – em DIWAN.

**XLVII**

A mulher é uma flor: como ela brota  
Da vida nos jardins; neles, mimosa,  
Vive quatro estações. Na primavera,  
Singela e recatada,  
Em si guarda os tesouros da beleza,  
Seus mágicos encantos.  
No estio, como a noiva, se apresenta  
De pérolas coberta,  
De galas adornada,  
Patenteando o seio,  
E seu perfume a todos espalhando.  
Depois segue-se o outono:  
A cor desbota, as folhas vão secando,  
Mirradas pelo ardor do sol do estio;  
E vem, por fim, o inverno<sup>51</sup>  
Tirar-lhe as poucas pétalas, que restam,  
Sem brilho e sem perfume; e o frágil tronco,  
Quebrado pelo vento,  
No pó fica sepulto!

\*

Feliz ela se, ao menos, não tivesse  
Outra sorte jamais! Porém, mil vezes,  
Na primavera ainda,  
Mão despiadosa<sup>52</sup> vai colhê-la ao tronco,  
Para adornar um peito,  
Ou guarnecer um vaso!  
As galas são dum dia; as folhas caem,  
E a mão que a arrebatara  
Em breve a deita fora! Assim termina!

---

<sup>51</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

<sup>52</sup> A forma vocabular “despiadosa” (“despiadoso”) não consta do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, versão *on-line*. O dicionário Caldas Aulete digital traz “piadoso”, como forma antiga e popular de “piedoso”.

E aquele que aspirou seu doce aroma,  
E lhe roubou as graças,  
Passa sobre o seu túmulo sorrindo,  
E não se lembra, ao menos,  
Que lhe deu ele a morte prematura!

\*

Mimosas flores! é mais belo o prado  
Com todos seus matizes,  
Que as ricas jarras dos salões doirados!

**XLVIII**

Ai! tu não me conheces!  
Pois pedes à minha alma  
O que ela já sentiu?!  
Minha alma é como o espaço;  
Buscar nele os indícios  
Dum astro que fulgiu,  
É ir buscar no oceano  
Vestígios da derrota,  
Que o Gama lá seguiu!  
Tranquila como um lago,  
O que no fundo encerra,  
Quem é que o descobriu?  
Não peças, não! Quem pode  
Lembrar-se, e ter saudades  
Do espinho que o feriu!?...<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> feriu!?...] feriu!?... – em DIWAN.

**XLIX**

Amo-te muito! Que to diga a rola,  
A quem eu confiei  
As saudades que canta! A dar suspiros  
Ao zéfiro ensinei;  
Ele que diga os que me ouviu! As ondas,  
A dar esses gemidos,  
Gemendo, exercitei!  
São meus. O rouxinol descanta amores;  
Quem no ensinou fui eu,  
Que o fiz meu confidente.  
À noite repetíamos cantando  
O doce nome teu,  
Que os ecos entoavam! Quanto existe,  
Ou animado ou não; quanto o céu guarda,  
E quanto cobre o céu,  
Se desejas saber quem foi seu mestre  
D'amor – fui eu, fui eu!

**L**

Não me tens amor? É pena!  
Mal tu sabes quanto o sinto!  
Não durmo até com pesar;  
Nem o caso é para menos.  
Não me queres? – “Estão verdes!”  
Disse a raposa das uvas,  
Por lhes não poder chegar!  
De tentações Deus nos livre,  
Que são bem de reçar.  
A raposa desdenhava;  
Mas voltou logo o focinho  
Para as uvas apanhar.  
Mas não te voltes, que eu temo,  
Que inda te possas tentar.

LI

Ó glória!<sup>54</sup> Visão mágica d'encantos,  
Que a mente nos fascinas  
Nos sonhos da existência! Eu não te creio!  
Ergam-te, embora, altares  
Os que te adoram; que eu desprezo o culto  
Dos que a ti sacrificam  
Nos campos de batalha! Qual é o louco,  
Que a vida inteira gasta  
Em vãs fadigas para ganhar-te um dia?  
A nuvem pela Juno, o pó por louros,  
É o que, alfim, alcança!  
Tu, glória, és um vão sonho, que nos deixas  
À beira do sepulcro.  
E ainda há quem pense que a existência vales!  
Eu cá penso o contrário.  
Deus sabe o que me custa<sup>55</sup>  
Consagrar-te estes versos. Que outros façam  
Tremendos sacrifícios,  
Não me importa; para mim não vales nada,  
Se os dera noutro tempo,  
Não dou hoje sequer por ti um passo!  
A GLÓRIA, que eu buscava, essa é já minha;  
Está comigo em casa!

---

<sup>54</sup> Ó glória!] Oh glória! – em DIWAN.

<sup>55</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

**LII**

Na solidão da minha alma  
Já não brota uma só flor.  
Algumas poucas saudades  
São as que existem; nas outras  
Deu-lhes o *oidium* do amor.

**LIII**

A vida é a imagem dum dia:  
Nasce o sol, e o que dormia  
Desperta e vem-no saudar.  
Luta, trabalha, e cansado  
Só o repouso apetece;  
E, da lida fatigado,  
Mal o sol desaparece,  
Vai tranquilo repouso;  
Porque a noite não tem calma,  
E quem tem sossego na alma,  
Vai sossego nela achar!  
Nada temas, pois, MARIA:  
A vida é a imagem dum dia,  
Que a noite vem terminar!

LIV

Deus é o *maestro* desta grande ópera,  
A que ele chamou – “Vida”  
E que, há tantos mil anos, pôs em cena!  
Foi ele mesmo o poeta,  
Que o *libretto* escreveu; foi ele o artista,  
Que dirigiu o cenário.  
Foi ele o ensaiador. Distribuiu partes:  
Fez o Destino ponto,  
E deu a contrarregra à Providência.  
À voz do simples *fiat*,  
O teatro criou; chamou-lhe – “Mundo.”  
Fez ele mesmo a orquestra,  
E mandou-a tocar a sinfonia  
Solene *d’ouverture*.  
Apenas terminou, ergueu-se o pano,  
E viu-se o Paraíso.<sup>56</sup>

Porém, como os atores lhe fugiram  
Do ponto, mudou cena,  
E viu-se um vasto espaço montanhoso,  
Coberto de arvoredos,  
Onde agora os atores representam.  
A ópera é sublime.  
Jamais outro *maestro* a fez tão bela!  
As cenas são de efeito,  
Como o banquete da *Lucrecia Bórgia*,  
Como a cena final do *Rigoletto*.  
Só nos finais dos atos  
Lhe encontro uma cruel monotonia.  
Terminam por um coro  
De padres, que, entoando o *requiem æternum*, →

---

<sup>56</sup> Em DIWAN, o verso subsequente vem na página seguinte. Não é possível ter certeza de que haja aqui divisão de estrofes – o que nos parece lógico (razão pela qual a adotamos).

SOROMENHO, Augusto. Diwan.

Me fazem recordar o Miserere  
Do *Trovador* de Verdi!



**LV**

Eu faço como os beduínos:  
Roubo e não mato. À mulher,  
Que mais graças e beleza,  
Mais atrativos tiver,  
Hei de roubar com meus lábios  
O cofrezinho dos beijos...  
Só se, acaso, não puder!  
Do mais pode estar tranquila,  
Que nada tem que temer;  
Pode entrar na minha tenda,  
Nela gozar e viver;  
Que eu faço como os beduínos:  
Roubo e não mato a mulher!

**LVI**

É coisa singular! A variedade  
Agrada a toda a gente,  
No prado, nos jardins, em toda a parte.  
E qual será a razão,  
Por que não hão de todos gostar dela  
Também no coração?

\*

Será esquisitice; mas eu gosto,  
E dou bastantes provas;  
E creio que se um dia, por acaso,  
Eu fosse Scharhriar,  
Não poderia achar Scheherazada  
Capaz de me prender por mais que um dia!  
Eu gosto de mudar;  
Apraz-me a variedade,  
E, podes crê-lo, amigo,  
Sinto nisto um prazer particular.

LVII

Que lindas espanholas  
Em Cádiz encontrei!  
Dos olhos seus ferido  
Se acaso não ceguei,  
Ai! foi SANTA LUZIA  
Que fez esse milagre;  
Porque eu por mim não sei  
Como inda vivo e vejo!  
Aquele andaluzinha,  
Em quem eu te falei,  
Ai! foi os meus pecados!  
Porém eu te protesto  
Que noutra não cairei...<sup>57</sup>  
– Pagou-me em *seguidillas*  
Os duros que eu gastei!

---

<sup>57</sup> cairei...] cairei.... – em DIWAN.

**LVIII**

Perguntas bem! Eu não me lembro disso;  
E, se to disse, crê que foi mentira,  
    Pois nunca tal senti  
Por nenhuma mulher – mesmo a mais linda! –  
    E quanto mais por ti!

\*

Isso, JÚLIA, são coisas que se dizem  
Para passar o tempo; e mal fizeste,  
    Se acreditaste em mim.  
O desengano custa, eu bem conheço  
Que tens muita razão; porém, que queres?  
    A vida é toda assim!

\*

Conforma-te com a sorte, e tem paciência,  
Que é o remédio que tens. Em te afligires,  
    Que podes tu ganhar?  
O mal, JÚLIA, está feito; e nada fazes  
    Com pores-te a chorar!

**LIX**

Ai! não chores mais, MARIA!  
Peço a Deus que me desconte  
Por cada lágrima um dia  
Dos que tenho de viver.  
Tenho sido o teu tormento!  
Curva a fronte ao teu destino!  
Mas nos céus o sofrimento  
Tem um diadema divino,  
Que lá deves receber,  
Em paga das agonias,  
Que te eu faço padecer!  
E contudo ninguém te ama  
Mais do que eu. Se te atormento,  
É que não posso valer  
Ao meu destino. O que eu sinto  
É fazer-te chorar tanto,  
Ser causa do teu sofrer  
E, alfim de contas, deixar-te<sup>58</sup>  
Aqui sozinha... e morrer.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> deixar-te] deixar-t – em DIWAN.

<sup>59</sup> Aqui sozinha... e morrer.] Aqui sozinha.... e morrer – em DIWAN.

**LX**

É esta a casa, onde mora  
A mulher, que, há um ano, amei.  
Ainda sinto saudades  
Das horas que aqui passei!

Ingrata! Lá vejo escritos!  
Assim pretende inculcar  
Que o meu lugar está vago;  
Que outro qualquer pode amar!

Novo inquilino pretende  
Para o lugar que eu perdi...  
Assim pagas as saudades,  
Mulher! que eu sofro por ti!

Mas, com a força dos ciúmes,  
Fiz todo este aranzel,  
Sem me passar pela ideia,  
Que era agora o S. Miguel!

Mudas de casa? Pois muda:  
Que hei de eu seguir-te também,  
Para na rua em que habitares  
Não deixar passar ninguém!

**LXI**

Não chores mais, minha filha;  
Não estejas triste. Não sabes  
Que ideia consoladora  
É saber que, após a noite,  
Vem uma formosa aurora!!

**LXII**

Que me vale o viver, se conto as mágoas  
Pelos dias da vida? Antes morrer.  
Estava, ao menos, tranquilo: não gozava,  
Mas também nada tinha que sofrer!

E quem sabe? O que está telhas acima  
É um mistério de Deus! Jamais voltou  
Alguém, que nos contasse o que lá vira;  
Se, acaso, padeceu, ou se gozou!

Morrer?! Nada: conheço o que é esta vida;  
A outra é que eu não posso adivinhar  
O que será. Gozemos o que é certo,  
Que pelo incerto é bom nunca trocar.

Sofro? Outros sofrem mais. É ter paciência,  
Que Job teve-a maior. Alfim morreu;  
Mas quem pode saber o seu destino?  
Há razões para crer que está no ceu!

**LXIII**

Que poder que tu tens! Esses teus lábios  
Fizeram mais milagres  
Que a vara de Moisés! Mal me tocaste  
Nos olhos, rebentaram duas fontes  
De lágrimas, maiores  
Que a da rocha de d'Horeb! As minhas faces  
Não estavam sequiosas,  
Como os Israelitas; mas quiseste  
Gozar esse espetáculo?  
Cruel! não te lembraste  
Que, se o povo de Deus bebeu à farta,  
Naquela única fonte,  
Tu de duas fizeste o Mar Vermelho,  
Onde afogar-te podes  
Se, como Faraó, me perseguires  
Com esse teu exército<sup>60</sup>  
De lágrimas, suspiros, e ternuras?  
Ai! foge, que te afogas!  
As costas volta ao mar, e não te aflijas  
Se a ver-me não tornares,  
Que eu fico otimamente, e sem saudades!  
Assim dissessem todos!...

---

<sup>60</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

**LXIV**

Meu pobre coração, não te atormentes;  
Conforma-te ao destino.  
Ditosa primavera  
Virá restituir-te essa alegria,  
Que te roubou o inverno!  
Há muito lindas flores  
Nos jardins da existência, e a vida é larga...  
Podes amar ainda!

**LXV**

É cruel este mistério; –  
Mas quem pode penetrá-lo?  
Nunca foste ao cemitério  
Pelos mortos perguntar?  
E que ouviste? Dos ciprestes  
O tristonho murmurar.  
A campa guarda um silêncio  
Que nada pode alterar:  
Nem as lágrimas da amante,  
Nem da esposa o suspirar!  
Este silêncio é terrível!  
Ao menos quem vai às praias  
Seus segredos indagar,  
Ouve o rugido das vagas,  
E sente agitar-se o mar.  
Mas a campa é muda e fria;  
Ninguém a pode abalar!

**LXVI**

As novas legiões da primavera  
Arvoraram seus verdes estandartes  
    Nos vales deleitosos.  
Abre a terra os tesouros do seu seio,  
    No inverno adquiridos,  
E ao mundo os patenteia. Pelos prados  
Assemelha-se a relva a um regimento  
    De jovens papagaios,  
Que de esmeralda as asas vão cobrindo!

Rouxinol! onde estás? Ouve os lamentos  
    Da enamorada rosa,  
Que no cálix o cofre te reserva  
Das perfumadas pérolas da aurora!  
    Oh! vem, cantor mimoso,  
Na solidão da noite, os doces prantos<sup>61</sup>  
Receber da saudade; ouvir as queixas  
    Prantivas do ciúme;  
    Em beijos transformá-las,  
E com beijos matar, morrer d'amores!

Ai! só para mim a primavera é morta;  
    E a rosa que eu adoro,  
Como a tua não é; dorme em silêncio  
    No âmago da terra!

---

<sup>61</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

LXVII

Já me és de todo indiferente!<sup>62</sup>  
Eis mais um sonho desfeito;  
Mais extinta uma paixão!  
Ceguei-me, e, cego d'amores,  
Quis ganhar-te o coração:  
Pus-me a caminho, julgando<sup>63</sup>  
Lá chegar; e achei a morte  
Nos gelos da ingratidão!  
Ai! é porque eu não sabia  
Que teu peito era um Marão!  
Vítima fui dos teus olhos,  
Que na estrada me assaltaram...<sup>64</sup>  
Por que não fechas nas jaulas  
Esses lobos? À traição  
Quem não morre, se por ela  
Morrera o próprio Sansão?!  
Perdi-me, meu Deus, perdi-me  
Nos gelos da ingratidão!!

---

<sup>62</sup> indiferente: leia-se “indif’rente”, com três sílabas.

<sup>63</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

<sup>64</sup> assaltaram...] assaltaram.... – em DIWAN.

**LXVIII**

Tu chamas-me “a tua vida”;  
Mas “tua alma” eu quero ser;  
Que a vida morre com o corpo,  
E a alma eterna há de ser!<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Vide notas no fim. [Nota do autor, assinalada por um asterisco entre parênteses ao final do verso e no rodapé.]

**LXIX**

Tu mandaste-me dous beijos  
Por uma carta. Oh! cruel,  
Pois tu queres que eu receba,  
Como de teus próprios lábios,  
Beijos dados num papel?

Nada sentir me fizeram,  
Apesar de ter-te amor;  
Mas é que os beijos são fruta  
Que só na árvore colhida  
É que tem algum sabor.

Se outra vez, porém, quiseres  
Mandar-me beijos, por Deus,  
Manda, ao menos, portadora,  
Onde os eu possa com gosto  
Receber, e dar-lhe os meus!

LXX<sup>66</sup>

Amigo, dorme. Deves estar cansado  
Da vida. Esta jornada  
É longa. Abandonaste a karavana,  
Que, há séculos, desfila  
Pelo árido deserto deste mundo  
Em direção à Mekka  
Da Eternidade! E quantos companheiros  
Lá jazem sepultados  
Nas ondas do simún! Salvou-te o acaso;  
Mas o ardor intenso  
Do amor, que o coração te devorava,  
Fez que real julgasses  
A ilusória vista  
Do serab, e correste apressurado  
A saciar a sede;  
E que encontraste? O nada<sup>67</sup>  
Da triste realidade! Ah! mas agora  
Descansas da fadiga  
No karavan-seray da sepultura!  
Descansa que precisas!

\*

Eu também para Mekka me encaminho;  
E só Deus sabe o dia  
Em que lá chegarei; mas tenho esperança<sup>68</sup>  
De lá te achar ainda!

---

<sup>66</sup> Vide notas no fim. [Nota do autor, assinalada por um asterisco entre parênteses junto ao algarismo romano e no rodapé.]

<sup>67</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

<sup>68</sup> Leia-se: “Em que lá chegarei; mas tenho esp’rança” – o verso é decassílabo.

**LXXI**

Tu não me crês? Nem te eu peço  
Que me creias. Tanto faz  
Que tu penses que te adoro,  
Como que não. A verdade  
Só mais tarde a saberás.

\*<sup>69</sup>

É melhor deixar que o tempo  
Venha a verdade mostrar;  
Que os lábios, às vezes, mentem;  
Porém o que o tempo afirma  
Ninguém no pode negar!

\*

Demos tempo ao tempo; e, um dia,  
(Quando eu, talvez, não viver,)  
Conhecerás se te eu amo,  
Ou não; e então hás de ver,  
Que o amor só se avalia  
Quando se chega a perder!

\*

Mas nem por isso te peço  
Que me creias. Tanto faz  
Que tu penses que te adoro,  
Como que não. A verdade  
Só mais tarde a saberás!



---

<sup>69</sup> Em DIWAN, a estrofe seguinte vem em outra página; não há este asterisco. Entretanto, todas as estrofes subsequentes são separadas uma da outra por asterisco (razão pela qual adotamos este, neste ponto).

**LXXII**

Mulher! teu coração quem o compreende?  
Ó Sphinx<sup>70</sup> insaciável,  
Quem pode decifrar-te o estranho enigma,  
Que, a troco de tormentos,  
A troco até da vida,  
Propões aos passageiros que caminham  
Pela estrada do amor? Monstro cruento,  
De formas sedutoras,  
Quem te pode evitar, se o rosto lindo  
É a voz encantadora oculta instintos  
De crueldade incrível?  
Arranca de teu peito  
Esse enigma e oferece-mo, que, em breve,  
O teu feroz Édipo<sup>71</sup>  
Ao mundo dará paz, gozo e ventura!

---

<sup>70</sup> Ver nota 4.

<sup>71</sup> Ver nota 5.

**LXXIII**

Eu já não faço poesias  
*Ignoto Deo*. Não sei,  
Mas não me engano, se é certo  
Que a mulher que eu procurava,  
Que via em sonhos, achei.

\*

Poeta da realidade  
Há muito tempo que o sou;  
Chame-lhe embora prosaica  
O idealista – que importa?  
É que ele nunca a alcançou.

\*

Por que trabalha, e que busca?  
Talvez o que em sonhos viu.  
Como chama então prosaica  
A realidade, se ainda  
O que quer não conseguiu?

\*<sup>72</sup>

Quando ele, porém, um dia,  
Os seus sonhos realizar,  
Sonhos da moda, acredite  
Que tais pieguices na lira  
Nunca mais torna a cantar!

\*

Eu falo por experiência:  
Também meus sonhos cantei, →

---

<sup>72</sup> Em DIWAN, não há este asterisco, porque a estrofe seguinte vem em outra página.

SOROMENHO, Augusto. Diwan.

Que eram como os da outra gente,  
Só por ser moda; mas breve  
Essas tolices deixei!

\*

Quando o coração encontra  
Coração que o compreendeu,  
Adeus, loucos romantismos!  
Tornado em verdade um sonho,  
Torna-se a terra num céu!



**LXXIV**

Ora tu tens razão! Ter eu, mil vezes,  
Estado junto a ti, em tantos bailes  
Sem nunca te falar  
D'amor, e vir para casa fazer versos,  
Descrevendo a paixão que me devora,  
É para admirar!

Isto em mim é um mistério. Se desejas  
Sabê-lo, hás de fazer-me aqui protesto  
De nunca o revelar.  
Queres saber por que to eu digo em verso?  
“Porque, escrevendo, minto-te à vontade,  
Sem medo de corar!”<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> Em DIWAN, este verso traz aspas de abertura no início.

LXXV

Aqui, junto deste espelho,  
Foi que a vez primeira a vi;  
Aqui, junto deste espelho,  
Foi que o sossego perdi!

Desde então, nem um momento  
Deixei de nela pensar;  
Vejo-a em sonhos, acordado,<sup>74</sup>  
Como um gênio benfazejo,  
No céu, na terra e no mar!  
Mas o seu nome é um segredo;  
Não mo venham perguntar.<sup>75</sup>  
O que está do mar no fundo,  
Quem no pode ir lá buscar?  
Só a ti o seu retrato,  
Vou em segredo mostrar:  
Vem vê-lo aqui, neste espelho:  
Do que eu tenho na minha alma  
Hás de uma cópia lá achar!  
Não é tão linda? Tu coras?  
Julgas que a não devo amar?  
Embora! É sina. Quem pode  
O seu destino evitar?

Como posso eu ter ventura,  
Se o meu sossego perdi,  
Quando junto deste espelho,  
Pela vez primeira a vi?



<sup>74</sup> Talvez seja – “Vejo-a em sonho, acordado,” – pois o poema é isométrico, em versos de sete sílabas.

<sup>75</sup> Em DIWAN, o verso seguinte a este encontra-se no alto da página seguinte; não é possível saber com certeza se há, aqui, separação de estrofes.

**LXXVI**

Chegou a primavera! As galas surgem  
Dos vales e campinas;  
Vestem os bosques o albornoz de folhas,  
Como o que, diz a Bíblia,  
Trajava o pai Adão. Três vezes, salve,  
Ó doce primavera!  
Adoro o teu poder! Dás vida ao prado,  
E lanças-lhes, sorrindo,  
O kaftan de flores e verdura!  
O rouxinol prantivo  
Já descanta; e eu, se choro, é que em meu peito  
Fez o amor seu ninho;  
Chocou, teve os filhinhos e sustenta-os  
Das lágrimas que tira  
Aos olhos meus, ferindo-me no seio!  
Se, ao menos, não chiassem!<sup>76</sup>  
Mas fizeram dos olhos meus gaiola;  
E lá empoleirados  
Descantam mil protestos de ternura  
Às damas que os encaram!  
Ai! vem, ó frio inverno! Só tu podes  
Deitá-los daqui fora!

---

<sup>76</sup> Em DIWAN, o verso seguinte a este vem em outra página; não é possível determinar se, neste ponto, há divisão de estrofes.

**LXXVII**

Doce amiga, vem, ó morte;  
Vem pôr termo à minha dor,  
Pois que vivo só no mundo  
Sem ninguém me ter amor.

Quando, envolto na mortalha,  
À sepultura eu baixar,  
Anjo, vai, por alta noite,  
Na minha campa chorar.

Vai... É só quanto te peço;  
Dos homens nada terei;  
Mas tu lembra-te um momento  
De mim, que tanto te amei.

Será para o mundo um mistério  
A causa do meu sofrer;  
Na vida, como na morte,  
Não o hei de a ninguém dizer!

Mas tu, se à campa fores perguntar-lhe  
Por que eu morri,  
Do seu seio uma voz há de dizer-te:  
“Morreu por ti!”



**LXXVIII**

Reconheces estas folhas,  
Mirradas, murchas, sem cor?  
Vês nelas algum mistério,  
Algum vestígio de amor?

\*

Não?! Pois olha que esta rosa  
Foi de ti,  
Que, há muito tempo, uma noite  
Recebi.

\*

Não te lembras? Esquecida!  
Lembro-me eu,  
Que nunca o que me dá gosto  
Me esqueceu.

\*

Pensa bem. Não te recordas?  
Pois, se queres, to direi.  
Foram tantas essas noites!  
Qual delas foi? Ah! já sei.

\*

Tu vinhas contente  
Correndo para mim;<sup>77</sup>  
Beijando-me as faces,  
Disseste-me assim:

\*

---

<sup>77</sup> Leia-se: “Correndo p’ra mim”. O verso é pentassílabo.

“Já tinha saudades.  
De mim não tens dó?”<sup>78</sup>  
Bateram, fugiste,  
Deixaste-me só.

\*

Depois voltaste, e uma rosa  
No teu seio descobri;  
Perguntei-te para quem era,<sup>79</sup>  
Respondeste-me: “É para ti.”<sup>80</sup>

\*

Guardei-a  
No peito,  
Que, afeito  
A sofrer,  
Pulsava  
Orgulhoso  
Vaidoso  
De a ter.

\*

Murchou-se!  
E que importa  
Se é morta  
Se não,  
Se noites  
Ditosas  
Mais rosas  
Me dão?

\*

Já te lembras? Bem sabia  
Que te havias de lembrar.  
Assim também tu te lembres  
De outras rosas mais me dar!



---

<sup>78</sup> Em DIWAN, este verso traz aspas de abertura no início.

<sup>79</sup> Leia-se: “Perguntei-te p’ra quem era”. O verso é setissílabo.

<sup>80</sup> Leia-se: “Respondeste-me: “É p’ra ti.” O verso é setissílabo.

**LXXIX**

Eu tenho um amigo, bom moço que é ele,  
Que a todos pertende<sup>81</sup> inculcar-se um Saphy;  
Mas diz mil finezas d'amor a uma dama,  
    Bem linda, que, em paga,  
    Do cético ri!

\*

Mas ri-se com gosto d'ouvi-lo, em tom sério,  
Contínuo a dizer-lhe: “Eu não creio.” – “Eu morri!”  
Misérias da moda, que estraga os rapazes!  
    Eu cá tendi sempre  
    Para ser Amaury.<sup>82</sup>

\*

LUÍS! não te cansas, que nada consegues  
Por esse sistema, de que ela se ri.  
Com essas tendências, se queres ganhá-la,  
    Melhor fazer deves  
    Papel de Antony!

---

<sup>81</sup> Forma antiga do verbo “pretender”.

<sup>82</sup> Leia-se: “P’ra ser Amaury.” O verso é pentassílabo.

**LXXX**

Quando em morrer, o meu túmulo  
Quero-o no fundo do mar.  
Quero ouvir o meu responso  
A natureza entoar,  
Se eu ouvir então; e às ondas  
Meus segredos confiar.  
Quero ter o céu por loisa,  
Nas estrelas o epitáfio,  
Onde possas encontrar  
A conta dos meus martírios,  
E o número das lágrimas  
Que me fizestes<sup>83</sup> chorar.  
E quando eu morrer, meu túmulo  
Quero-o no fundo do mar,  
Para que os astros fulgindo,  
Para que as vagas rugindo  
De mim te façam lembrar!

---

<sup>83</sup> Deve ser “fizeste”. Em verso anterior, o poeta empregou a segunda pessoa do singular: “possas”.

LXXXI<sup>84</sup>

Sentado sobre o cimo da montanha,  
Em extasis<sup>85</sup> de amor, lá junto aos céus,  
No rouco trovejar da tempestade  
Eu ouço-te, ó meu Deus!

\*

Escuto a tua voz meiga e piedosa  
Na branda aspiração do fim do dia;  
E no límpido arroio que saltita  
Com múrmura harmonia!

\*

No manto recamado com que adornas  
O campo onde a sorrir passeia a lua;  
No prado, que tapizam lindas flores,  
Eu vejo a imagem tua!

\*<sup>86</sup>

No rijo embate de espumantes vagas,  
Que ansiosas lutam num cruel gemer;  
No medonho estampido da procela  
Adoro o teu poder!

\*

Eu ouço os hinos teus no som cadente  
Da fonte, que borbulha entre o rosal, →

---

<sup>84</sup> Vide notas no fim. [Nota do autor, assinalada por asterisco entre parênteses junto ao algarismo romano e no rodapé.]

<sup>85</sup> Forma antiga (e latina) de “êxtase”. “Extasis” não consta do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*.

<sup>86</sup> Em DIWAN, a estrofe subsequente vem no alto da página seguinte, e não há, neste ponto, o asterisco que separa as estrofes do poema.

Casando-se aos gorjeios da avezinha  
No canto matinal!

\*

Todos... todos te louvam e bendizem  
Em cânticos, a terra, o mar e os céus!  
E d'alma e coração, bem mais que o mundo,  
Eu amo-te, ó meu Deus!...



**LXXXII**

Apraz-me a saudade,  
Que a vida amargura;  
Que não há ventura  
Que a possa abrandar!...  
– Apraz-me! – E só ela  
Meus males minora,  
Pois só vivo agora,  
Dum vão recordar!

Volver ao passado  
Meus olhos saudosos;  
Ver dias ditosos,  
Que outrora gozei!  
Pensar no presente,  
Ver só negras dores...  
Ai! são dissabores  
Que... tantos!... Nem sei!

Gostei de, alta noite,  
Lá quando alva lua  
Saudosa flutua  
Num límpido céu;  
Ou brame a tormenta  
Na face das águas;  
E a terra é de mágoas  
Um tétrico véu;

Ir triste e sozinho,  
Lá sobre os rochedos,  
Contar meus segredos  
Às ondas do mar;  
E ouvir a tormenta,  
Que, em roucos bramidos,  
Meus pobres gemidos  
Parecia imitar!

Amava das ondas  
O surdo tumulto;  
Das penhas o vulto,  
Sua triste mudez;  
E as vagas gigantes,  
Cobertas de espuma,  
Correndo – uma a uma  
Morrer a meus pés!

Gostei de ir nos bosques,  
Em tristes endechas,  
Soltar minhas queixas,  
Cantar minha dor;  
E ouvir, lá na encosta,  
Da rola um gemido...  
– Queixume sentido  
De mágoas de amor!

Amei um céu puro,  
Coberto de estrelas,  
Fulgindo tão belas  
À luz do luar;  
E as aves na selva,  
Cantando saudosas,  
Em noites de rosas,  
Fadadas para amar!<sup>87</sup>

Amei!... E que importa,  
Se é longe o passado?...  
Não tenho a meu lado  
Quem possa dizer:  
“Não chores! Despreza  
Teu louco receio;  
Estou junto a teu seio,<sup>88</sup>  
Que podes temer?!”<sup>89</sup>

Ai! era um preságio!<sup>90</sup>  
Vim breve a perdê-la!  
Se chamo por ela...  
Não me ouve ninguém!...  
– Distante!... entre ferros,  
Em vãs ansiedades,  
Se sente saudades,  
Eu sinto-as também!

---

<sup>87</sup> “Fadadas para amar!”: leia-se “Fadadas p’ra amar!” O poema é isométrico, com versos de cinco sílabas.

<sup>88</sup> “Estou junto a teu seio”: leia-se: “Stou junto a teu seio.”

<sup>89</sup> Os últimos três versos trazem aspas de abertura no início.

<sup>90</sup> Ver nota 7.

**LXXXIII**

De que te serve esse pranto?  
– De refrigério a uma dor;  
Como serve o orvalho à rosa,  
Que o sol ardente abrasara,  
Para lhe mitigar o ardor!<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> “Para lhe mitigar o ardor!”: leia-se “P’ra lhe mitigar o ardor!”

**LXXXIV**

Quando eu nasci, dobravam por finados  
Os sinos da cidade. Ao mesmo tempo  
Eu vinha ao mundo, e um outro o abandonava!  
Enquanto aqui ao céu se davam graças,  
Além se entoava um último responso!  
    Que triste mundo este!  
O tempo foge mais veloz que o vento;  
A primavera passa e chega o inverno!  
Murcha a flor que brotara na campina;  
As folhas do carvalho amarelecem;  
O gelo cobre o cimo das montanhas;  
E o frio impera onde existira a calma!  
    Assim se passa a vida.  
A mocidade é fumo, e da velhice  
Vem a neve coroar-nos. Róseas faces  
Enrugam-se ao soprar do norte agudo<sup>92</sup>  
Da idade; e a morte vem com mão de ferro  
    Abrir-nos o sepulcro!  
E acabou-se! Lá segue-se um mistério,  
    Um escuro logogrifo,  
De que apenas se pode achar conceito  
    Chegando à Eternidade!

---

<sup>92</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

**LXXXV**

Pois tu inda pensas  
Que a vida é de rosas?  
São crenças formosas;  
Mas tens que sofrer!  
Não vês que a serpente  
Se enrosca nas flores?  
Na vida, há mil dores,  
Após um prazer!

LXXXVI

Oh! minha idealidade,  
Minha crença, meu sonho e minha esperança,<sup>93</sup>  
Preguiça idolatrada!  
Vem; eu quero fazer-te a apoteose  
Em versos retumbantes.  
“Tu és a doce, a amável companheira  
Dos meus mais belos dias;  
A ti devo os melhores da existência,  
E as únicas saudades  
Que tenho do passado!  
Tu és a sócia amiga, inseparável  
Das minhas horas d’ócio,  
No regaço da qual tenho passado  
Momentos inefáveis<sup>94</sup>  
De delicioso KEF!  
Devo-te horas dulcíssimas d’encanto,  
Quais não goza madraço *lazzaroni*,  
Nos gozos embebido  
Do seu *dolce far niente!*”<sup>95</sup> Amo-te muito.  
Escuta as minhas súplicas  
E vem. Quero tecer-te áureo diadema,  
E no teu casto seio  
A fronte reclinar. Ah! vem... não tardes...  
Apressa-te! Ei-la... e...<sup>96</sup>

---

<sup>93</sup> “Minha crença, meu sonho e minha esperança,”: leia-se “Minha crença, meu sonho e minh’ esp’rança,” o poema está composto em versos decassílabos e seu quebrado, de seis sílabas.

<sup>94</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

<sup>95</sup> *far niente!*] *farniente!*” – em DIWAN. Nessa edição todos os versos entre as aspas de abertura e as de fechamento trazem aspas de abertura no início.

<sup>96</sup> Apressa-te! Ei-la... e...] Apressa-te! Ei-la.... e.... – em DIWAN.

**LXXXVII**

Que tolice! Perguntas ao suspiro,  
“Que sente o coração donde saiu”  
    Como que possa o peixe,  
Pelas ondas às praias arrojado,  
Dizer o que no fundo do mar viu!

**LXXXVIII**

Ai! Santo Deus! que lamúria!  
Tem mais cuidado com isso,  
Pois, se vais nesse chorar,  
Podes causar um dilúvio,  
E toda a gente afogar!  
Se um dique não pões depressa  
A essas duas catadupas,  
Adeus, mundo! Eu, à cautela,  
Vou na arca do meu peito  
O meu amor encerrar.  
Ao menos, esta família  
Não se há de assim acabar;  
E eu, com a ajuda de Deus,  
Espero que hei de escapar.  
Essa tormenta desfaz-se...<sup>97</sup>  
Soltarei uma pombinha,  
Quando o chuvaire passar;  
E estou certo que um bilhete  
Me hás de por ela mandar  
Para um pacto d’aliança,  
Que podemos já formar:  
“Seja um beijo o arco-íris,  
E escusas mais de chorar!”<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> desfaz-se...] desfaz-se.... – em DIWAN (nessa edição, o verso subsequente encontra-se no alto da página seguinte; não é possível saber se há, neste ponto, separação de estrofes).

<sup>98</sup> Em DIWAN, as aspas de fechamento vêm no início do verso.

**LXXXIX**

A vida é o dia calmoso.  
A morte é a noite sombria.  
– É sol-posto... As sombras descem...  
Tenho sono... Adeus, MARIA!

**XL**

Tu não sabes por que eu canto?  
– “Ouvi nos bosques sombrios,  
O rouxinol descantar;  
E o vento, na harpa eólia  
Da floresta, modular  
Cantos de vaga harmonia;  
E a tutinegra, a sombria  
Doces cantos entoar.  
– “Ouvi a voz da tormenta  
Casar-se ao rugir das vagas  
Nas ermas praias do mar,  
E o álcion espavorido,  
Como o gênio da tormenta,  
Tétricos cantos soltar!<sup>99</sup>  
– “E eu, que tinha na alma um eco  
Que aos seus cantos respondia,  
Reproduzindo-o em poesia  
Qui-los também imitar!

---

<sup>99</sup> Em DIWAN, o verso subsequente vem no alto da página seguinte; não é possível saber com certeza se há, aqui, divisão de estrofes.

**XCI**

Hei de contar meus tormentos  
Ao vento, às aves e ao mar,  
Para que nunca os meus gemidos<sup>100</sup>  
Possas deixar de escutar.

Hei de na terra escrevê-los;  
Nos céus os hei de gravar,  
Para que os possas à noite  
Nas estrelas soletrar;  
Para que os vejas na rua  
Quando fores passear.

---

<sup>100</sup> “Para que nunca os meus gemidos”: leia-se “P’ra que nunca os meus gemidos” – o verso é setissílabo.

**XCII**

Uma lágrima!? Bem-vinda  
Sejas tu, sócia da dor.  
Tens minha alma acompanhado,  
Nos seus íntimos pesares,  
Nos seus tormentos d'amor,  
Não deves desampará-la  
Neste momento! Isolada,  
Cheia de calma, fenece,  
Privada do orgulho, a flor,  
Que na campina, sozinha  
Sofrera do sol o ardor.  
Bem-vinda, amiga, bem-vinda!  
Vem mitigar minha dor!

**XCIII**

Perdida! embora perdida,  
Não quero tornar-te a ver.  
Este amor que eu sinto na alma,  
Se é que é amor, está a morrer,  
À minguá dos teus carinhos;  
Mas não tos quero! Valer,  
Já nada lhe vale! É tarde!  
Nem na terra há medicina  
Que me possa guarecer  
Desta ferida. Já foi tempo  
Em que podiam teus beijos  
Algum efeito fazer!  
Hoje, não; que o amor que eu tinha,  
Ou morreu, ou está a morrer!  
Perdida! embora perdida,  
Não quero tornar-te a ver!

**XCIV**

Negras sombras do futuro,  
Quem vos pode dissipar?  
É débil a luz da esperança  
Para as poder penetrar.  
Essas trevas pavorosas  
Que a alma enlutam, só à morte  
Em luz é dado tornar:  
Luz radiosa de glória,  
Glória d'amor e ventura,  
Que a morte só sabe dar!  
Àquele<sup>101</sup> que o bem merece  
É a campa um Capitólio  
Aonde a vida o vai levar...  
Uma auréola celeste<sup>102</sup>  
Lhe vai a fronte adornar...  
Aos outros é noite escura,  
Negra noite sem luar,  
Onde a vista só depara  
Densas trevas pavorosas,  
Que não pode dissipar!

---

<sup>101</sup> Àquele] À aquele – em DIWAN.

<sup>102</sup> Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

**XCV**

O que é a vida sem crenças?  
É uma harpa sem acordes;  
É um ai num cemitério!  
É uma vaga sem praias;  
É uma ave sem pouso;  
É uma dor sem refrigério!

**XCVI**

Era no mar, sobre as rochas,  
Em que a gôndola se abriu:  
“Que me dás?” –<sup>103</sup> Dou-te esta trança. –  
E o barqueiro repetiu:  
“Que me dás?” – Este anel d’ouro. –  
E o gondoleiro sorriu.

\*

E o mar alto e furioso  
Em torno às rochas bramiu:  
“Que me dás?”<sup>104</sup> – Os meus tesouros. –<sup>105</sup>  
E o barqueiro repetiu:  
“Que me dás?” – Eu dou-te um beijo. –<sup>106</sup>  
E o gondoleiro sorriu.

\*

E de beijos fronte e rosto,  
Boca e seio lhe cobriu.  
“Que me dás?”<sup>107</sup> – Que mais desejas? –<sup>108</sup>  
E o barqueiro repetiu:  
“Minha?”<sup>109</sup> – Tua! – E neste instante,  
Uma onda os confundiu!

---

<sup>103</sup> “Que me dás?” –] “Que me dás? –” – (com dois travessões) – em DIWAN. Uniformizamos a sinalização do diálogo ao longo do poema da forma que julgamos ser a mais razoável.

<sup>104</sup> Sem aspas de fechamento, aqui. Em DIWAN, neste verso, as aspas só se fecham no fim da linha.

<sup>105</sup> – Os meus tesouros. –] – Os meus tesouros.” (com aspas no lugar do travessão) – em DIWAN.

<sup>106</sup> – Eu dou-te um beijo. –] – Eu dou-te um beijo.” (com aspas no lugar do travessão) – em DIWAN.

<sup>107</sup> “Que me dás?”] “Que me dás? (sem as aspas de fechamento) – em DIWAN.

<sup>108</sup> – Que mais desejas? –] – Que mais desejas?” (com aspas no lugar do travessão) – em DIWAN.

<sup>109</sup> “Minha?”] “Minha? (sem as aspas de fechamento) – em DIWAN.

**XCVII**

Quando leres estes versos,  
Não rias do pobre autor,  
Que te ris dum desgraçado,  
Dum mártir do teu amor,  
Que faz versos para alívio!...  
Tu bem sabes quantas vezes  
O sorriso oculta a dor!

**XCVIII**

Eu nunca tive saudades,  
Ou não sei o que elas são;  
Mas, ao menos, não me lembro  
Com pesar, ou com tristeza,  
Dos tempos que longe vão.

\*

É singular! Toda a gente  
Me fala do que sentiu  
Com pesar de novamente  
Não sentir; e ter agora  
O que, há muito, lhe fugiu!

\*

Só eu olho o meu passado  
Sem desejos, nem pesar.  
Não vejo nele venturas,  
Que hoje não tenha; nem mágoas  
Que precise de buscar.

\*

De que serve à rosa o orvalho  
Que no cálix recebeu,  
Se lhe não dá refrigério  
Quanto a cresta o sol ardente?  
– Tal qual a rosa, sou eu.

\*

De que serve a lembrança  
Daquilo que se gozou,  
Se nada vale o desejo, →

Nem a lembrança? Que importa  
Aquilo que já passou?

\*

Eu não me canso, nem creio  
Que o valha a pena o prazer.  
O que eu gozei – não me importa;  
O que sofri – já vai longe,  
Para que possa volver.

\*

O meu passado é o presente:  
Tenho hoje o mesmo que então,  
Se bem me lembro. O que é certo,<sup>110</sup>  
E que eu não tenho saudades  
Dos tempos que longe vão.

---

<sup>110</sup> certo,] certo. – em DIWAN.

**XCIX**

Quem mais fala d'amor menos o sente;  
E quem mais sente amor é que o não diz.  
Assim é o coração:  
Vazio, tem desejos; cheio, é mudo.  
E esta é a razão,  
Por que fala em ventura o que a não goza;  
Mas nunca o que é feliz!

C

Vivo tão triste, e cativo  
Dos olhos teus, que não vivo,  
Ou não vive o coração,  
Pois, dos teus olhos ferido,  
Tem tanto sangue vertido,  
Que eu nem sei se vive ou não.  
E mais teus olhos são belos,  
E tanto que eu, só de vê-los,  
Senti perdida a razão;  
Perdida, sim, por amar-te,  
Pois, sem amar-te, perdida,  
Bem tinha eu de ver a vida,  
E perdido o coração,  
Que, magoado de deixar-te,  
E dos olhos teus ferido,  
Tem tanto sangue vertido,  
Que eu nem sei se vive ou não!

CI

À hora em que o sol se esconde,  
À hora final do dia;  
Um consolo, aos céus, aos mares,  
Sobre a praia, em vão, pedia!

E cansado, e sem esperança<sup>111</sup>  
De um alívio à minha sorte,  
Ao acaso, sobre a areia,  
Chorando, pus: – *Só a morte!*

Era a única ventura  
Que eu na terra apetecia;  
Nem outra estrela, entre as trevas  
Do meu coração, fulgia.

Mas uma vaga, ligeira  
À praia veio correndo,  
E uma sílaba apagando  
Do que eu estava escrevendo,

Em lugar dum pensamento  
Funéreo, e cheio de dor,  
Deixou ver, à luz da esperança,<sup>112</sup>  
As palavras: – *Só amor...*<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> “E cansado, e sem esperança”: leia-se “E cansado e sem esp’rança” – o poema é isométrico, e todos os versos têm sete sílabas.

<sup>112</sup> “Deixou ver, à luz da esperança,”: leia-se “Deixou ver, à luz da esp’rança,” – o poema é isométrico, e todos os versos têm sete sílabas.

<sup>113</sup> As palavras: – *Só amor...*] Às palavras: – *Só amor..* – em DIWAN.

**CII**

É o corpo uma semente  
Da existência ao sol secada,  
E que é à terra lançada  
Para nos céus frutificar,<sup>114</sup>  
Se o sol na eira do mundo  
Lhe deu o gérmen da vida;  
Porque, sem ele, perdida,  
Tem de na terra ficar  
Estéril e apodrecida,  
Para em terra se tornar!

---

<sup>114</sup> “Para nos céus frutificar”: leia-se “P’ra nos céus frutificar.” – o poema é isométrico, e todos os versos têm sete sílabas.

CIII

Oh! minha adega, meu harém querido,  
Oh! doce asilo, salve!  
Eu venho em teu remanso  
Buscar a paz, ao coração dar vida  
E animação à mente!  
A mim somente é dado  
Gozar os teus encantos, e delícias!  
Queridas odaliscas,  
Sultanas e cadinas!  
Erguei os véus...<sup>115</sup> Ah! quanto sois formosas,  
Amigas minhas todas!  
Amável Malvasia,  
Vem, eu quero morrer embriagado  
Com o néctar dos teus beijos!  
Vem, minha favorita,<sup>116</sup>  
Ó *Hayati* mimosa, ó meu Champagne!  
Eu venho sequioso  
E quero saciar-me  
Dos beijos teus, querida! Assim...<sup>117</sup> mais outro...  
E tu dá-me outro agora,  
E outro...<sup>118</sup> Ah! vem, meu Porto,  
*Sultana-Validé*, quero abraçar-te!...<sup>119</sup>  
Os teus cabelos brancos  
São para mim delícias,  
São gozos inefáveis! Não me fujas!  
Eu quero-te assim mesmo;  
Viver quero contigo,  
E contigo morrer unido<sup>120</sup> aos lábios! →

---

<sup>115</sup> Erguei os véus...] Erguei os véus.... – em DIWAN.

<sup>116</sup> Em DIWAN, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte. Aqui não há divisão de estrofes.

<sup>117</sup> Assim...] Assim.... – em DIWAN.

<sup>118</sup> E outro...] E outro.... em DIWAN.

<sup>119</sup> abraçar-te!...] abraçar-te!.... – em DIWAN.

<sup>120</sup> unido] unida – em DIWAN.

Oh! deliciosa adega...<sup>121</sup>  
Tu és o Paraíso →  
Pelo Profeta aos crentes prometido!  
Adeus, huris formosas,  
Xerez e Malvasia,  
Champagne e Porto, adeus! Eu volto em breve,  
Que o coração não pode  
Por mais tempo sofrer tantas saudades!

---

<sup>121</sup> adega...] adega.... – em DIWAN.

**CIV**

Queres amor infinito?!  
Não creio. Pois podes querer,  
Uma tormenta infinita,  
Um eterno padecer?

Queres sempre o sol intenso?  
Não sabes que abrasa a flor;  
Que, se não houvesse a noite,  
Morria tudo ao calor?...<sup>122</sup>

É tão bom, depois da calma,<sup>123</sup>  
Gozar da noite o frescor!  
Tu bem sabes que os arrufos  
São sempre belos no amor!

Vem depois do dia a noite,  
O dia após esta vem;  
Que a mudança agrade a todos,  
Não levo a mal a ninguém;

Mas que tu só queiras calma,  
Que só te agrade o calor,  
Isso, hás de ter paciência,  
É tolice e não amor!

---

<sup>122</sup> calor?...] calor?... – em DIWAN.

<sup>123</sup> calma,] calma . – em DIWAN (talvez fosse “calma..”, que atualizaríamos para “calma...”).

**CV**

Ciúmes do que eu penso!? Ai! Santo Deus!  
Pois tu queres fazer um monopólio  
De quanto eu penso e sente o coração?!  
Pois olha: põe teus lábios sobre os meus;  
Bebe neles minha alma, e desde então  
Todos meus pensamentos serão teus.

CVI

Eu estava, ontem de tarde, a ler o *Fausto*,  
Deitado num sofá,  
Quando senti abrir-se a porta e, rindo,  
Entrar o diabo. “Olá!  
Por aqui, é milagre!” – Mal tu sabes  
O que eu venho pedir. –  
“Não; decerto. Vejamos.! – É uma Bíblia. –  
E desatou a rir...  
“Uma Bíblia?!” disse eu. – E então, que pensas?  
Não serei eu capaz  
De a ler? Não ípode haver um literato  
Chamado Satanás? –  
“Pode. Aí tens... Mas que buscas?” – Eu to digo:  
Estive, há pouco, a ler  
O *Paraíso* de Milton, e há lá histórias<sup>124</sup>  
Que eu não posso saber  
Onde as fosse buscar. Conta lá coisas  
De mim, que nem eu sei;  
E venho ver então se nesta Bíblia  
Acaso as acharei. –  
“Duvido.”<sup>125</sup> – E tu que lês? – “O *Fausto*.”<sup>126</sup> – O Goethe!  
Esse foi mais ratão.  
Ao menos, teve graça. O Mefistófeles  
É um grande maganão.  
O Fausto é que era um parvo. – “Assim há muitos!”  
– E tu também o és. –  
“Obrigado.” – E assentou-se folheando  
Os Livros de Moisés.

Passado tempo, volto-me, e, que vejo!  
Deitado sobre o chão →

---

<sup>124</sup> Em DIWAN, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte. Aqui não há divisão de estrofes.

<sup>125</sup> “Duvido.”] “Duvido ” – em DIWAN.

<sup>126</sup> “O *Fausto*.”] “O *Fausto* ” – em DIWAN.

SOROMENHO, Augusto. Diwan.

O bom do Satanás, que adormecera  
A ler o Salomão!...



CVII

Quando se extinga esta vida,  
Já que ela tem de acabar,  
Mandem com toda a cautela,  
Embora sem envoltório,  
Meu corpo à campa deitar.

—

Imagem que é uma obra,<sup>127</sup>  
Cujas edições se esgotou,  
De que só resta um volume,  
Que o autor, com mil cuidados,  
Na sua estante guardou.

—

Mas não me chores. Essa obra,<sup>128</sup>  
Que apenas lembra ao leitor,  
Há de aparecer ainda um dia,<sup>129</sup>  
Em nova edição, correta  
E revista pelo autor!

---

<sup>127</sup> “Imagem que é uma obra,”: leia-se “Imagem que é um’ obra” – o verso é setissílabo.

<sup>128</sup> “Mas não me chores. Essa obra,”: leia-se “Mas não me chores. Ess’ obra,” – o verso é setissílabo.

<sup>129</sup> “Há de aparecer ainda um dia,” – este verso tem oito sílabas. Leitura sugerida: “Há de ap’recer ainda um dia”.

CVIII

Tu pensas que eu estou cético?<sup>130</sup>  
Enganas-te; e contigo  
Enganam-se os que dizem  
Que eu já não posso amar.  
Mentira! Eu sinto o mesmo...<sup>131</sup>  
Lá o dizer nuns versos  
Que já não sinto... é peta,  
E peta tão vulgar,  
Que não há aí poeta<sup>132</sup>  
Que a não repita, e mente  
Como eu menti! Mas choras?!  
Por quê? Por esses versos?  
Não chores, não, louquinha  
Que eu fi-los a brincar!

---

<sup>130</sup> “Tu pensas que eu estou cético?”: leia-se “Tu pensas que estou cético?” – todo o poema é isossilábico, com versos de seis sílabas.

<sup>131</sup> mesmo...] mesmo.... – em DIWAN.

<sup>132</sup> “Que não há aí poeta”: leia-se “Que não há i poeta” – todo o poema é isossilábico, com versos de seis sílabas.

**CIX**

Ai! não me deixes, não! Sem ti, perdido,  
Nas solidões do mundo,  
Que seria de mi, louco de amores  
E cheio de saudades,  
Sem as poder matar? – Ao pobre nauta  
Perdido no mar alto,  
Quem lhe vale é nos céus a luz de esperança!<sup>133</sup>

\*

Ai! não me deixes, não! Perca-te, embora,  
Se tenho de perder-te,  
Mas quando o coração, de amar cansado,  
Já não sentir prazeres.  
Agora, não; que ainda meu peito sente  
A sede abrasadora  
De deleites, que tu só dar-lhe podes!

\*

Ai! não me deixes, não, que a vida é triste,  
Sem gozos, nem ventura!  
Tu és para mim o kata do deserto,  
Que alma a saciar-se  
Me conduzes à fonte dos prazeres!  
Viva longe do que ama  
Quem pode, que eu, sem ti, viver não posso!

\*

Porém, se queres, vai! Não te atormentes  
Com a ideia de deixar-me →

---

<sup>133</sup> “Quem lhe vale é nos céus a luz de esperança!”: leia-se “Quem lhe vale é nos céus a luz de esp’rança!” – o poema está composto em versos decassílabos combinados com seu quebrado (hexassílabo).

Abandonado e só! Vai! Deus te guie...<sup>134</sup>  
Porém, quando voltares,  
Só te peço que vás sobre o meu túmulo  
Deitar-me algumas flores,  
E, em paga deste amor que te consagro,  
Rezar-me um “*Pater-noster*”!”<sup>135</sup>



---

<sup>134</sup> Deus te guie...] Deus te guie.... – em DIWAN.

<sup>135</sup> “*Pater-noster*”!] “*Pater-noster*!” – em DIWAN. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* traz a forma “páter-nóster”. Preservamos a grafia latina, sem acento, em itálico, empregada pelo poeta.

CX

Acabo de ler Byron. Que saudades  
Senti da minha aldeia! Transportado  
Me achei àquele<sup>136</sup> monte, onde ela, às tardes,  
    Pastava o seu rebanho...  
Passemos o regato... Aqui subamos...<sup>137</sup>  
Agora há uma clareira... ao lado esquerdo  
    Ficam dous castanheiros.  
    Bem! Agora paremos.  
“Foi aqui. Neste sítio havia um choupo,  
E à sombra dele, em tardes deleitosas,  
Passei horas d’amor nos braços dela!  
Além poisava o rouxinol, que vinha,  
Iludido, cantar às lindas rosas  
Do jardim do seu rosto. Aquém<sup>138</sup> pastava,<sup>139</sup>  
Por entre os azinhais, o manso gado.  
    Aqui, em seu regaço  
Recostado, lhe ouvi uns lindos versos  
    Que nunca me esqueceram.  
Deu-me um beijo a sorrir, e a rir me disse:

    “Meus olhos estão tão afeitos<sup>140</sup>  
    A namorarem os teus,  
    Que, de tanto confundidos,  
    Nem já sei quais são os meus.”

E um beijo, e beijos mil se lhe seguiram,  
    Em estreitado abraço!...<sup>141</sup>

---

<sup>136</sup> àquele] à aquele – em DIWAN.

<sup>137</sup> Aqui subamos...] Aqui subamos.... – em DIWAN.

<sup>138</sup> Aquém] Áquem – em DIWAN.

<sup>139</sup> Em DIWAN, o verso subsequente vem no alto da página seguinte. Aqui não há separação de estrofes.

<sup>140</sup> “Meus olhos estão tão afeitos”: leia-se “Meus olhos ’stão tão afeitos”. Os versos desta quadra são setissílabos.

<sup>141</sup> abraço!...] abraço!.... – e DIWAN. Todos os versos, desde a abertura das aspas, as trazem (aspas de abertura) no início; aqui elas deveriam ser fechadas (mas não se fecham...).

Oh! Byron, se esses versos te dissessem  
Uns lábios adorados!!...<sup>142</sup>



---

<sup>142</sup> adorados!!...] adorados!!.. – em DIWAN.

CXI

Aí tens, amigo, os meus primeiros versos,  
Num livro coligidos.  
Não sei que me recordam  
Destas folhas do outono sem verdura  
Que mal o choupo vestem;  
O choupo que, ao que busca um grato asilo  
À calma abrasadora,  
Já dar não pode abrigo!  
Não busques no meu livro um refrigerio  
Às mágoas da existência;  
Achar somente aí podes<sup>143</sup>  
O riso do prazer, o rir do gozo  
Que o coração aprende  
Na posse da ventura que encontrara,  
E que buscava há muito!<sup>144</sup>  
Não sabes que a poesia  
Só se encontra onde há dor, onde há saudades,  
E eu nada disso sofro?  
Vai ler antes Petrarca,  
Que o Petrarca sofreu mágoas imensas;  
E deixa que estas folhas,  
Queimadas pelo sol de uma saudade,  
Meu leito extremo cubram.  
Não tenho outra ambição: junto ao meu corpo  
Só quero ter as cinzas adoradas  
Do que na vida amara; →

---

<sup>143</sup> “Achar somente aí podes”: leia-se “Achar soment’ i podes” – o poema está composto em versos decassílabos combinados com o seu quebrado (hexassílabo).

<sup>144</sup> Em DIWAN, o verso subsequente encontra-se no alto da página seguinte; não é possível determinar se há ou não divisão de estrofes neste ponto.

E este livro é o meu cofre, é o meu tesouro,  
Onde reunidas todas  
Estão minhas venturas!



## NOTAS

Depois de escritos e impressos esses poucos versos que aí ficam, entendi dever acompanhar vários deles com notas explicativas, porque, na verdade, em alguns há um tanto de enigmático e obscuro. Aí vão, pois, as que julguei necessárias. O número romano corresponde a uma poesia com igual número.

## I

“Eis-me poeta... etc.”<sup>145</sup>

Estes versos são talvez a reminiscência doutros melhor inspirados, que se leem no *Diwan* de Beheschy, poeta turco de grande reputação. Para descargo de consciência, aí vão tais quais:

“Ó Beheschy! tu tens-te elogiado muito nos teus versos. É expores-te à crítica dos espíritos malévolos! Fica-te bem, porventura, tomar a lira e erigires-te em poeta, quando Djamy e Neway nos fazem ouvir seus cantos harmoniosos? Um e o outro, como dous rouxinóis enamorados, fazem pulsar nossos corações com a mais doce emoção. E tu, corvo mesquinho, quais são as tuas pretensões? Serás tão louco e imprudente que queiras pôr-te ao lado deles? Dirás tu, porém, que os homens indulgentes toleram, às vezes, a lisonja e a jactância quando têm por objeto facilitar a venda duma mercadoria medíocre. Que inconveniente há, pois, em que um vendedor de quincalharias, para atrair fregueses, chame topázios e rubis aos seus cristais coloridos?”<sup>146</sup>

Eu creio, como não sei que escritor, que – *bien emprunter n'est pas voler*. Que, agora, digam o que quiserem os críticos.

---

<sup>145</sup> “Eis-me poeta... etc.”] “Eis-me poeta.... etc. – em DIWAN.

<sup>146</sup> Em DIWAN, entre a abertura e o fechamento de aspas, todas as linhas trazem aspas de abertura no início de cada linha e aspas de fechamento no fim de todas elas.

#### IV

“Amor! quem sabe etc.”<sup>147</sup>

Quem não sabe que Sphinx era aquele monstro do Egito, que devorava os passageiros que lhe não decifravam os enigmas que lhes propunha, e que foi Édipo o que, decifrando-os, a pôde matar, como estava predito?

#### VI

“A vida é assim...”<sup>148</sup>

Há nestes versos uma verdade, que todos, os que escrevem versos, podem confirmar, digam o que disserem os sentimentalistas. O sentimento apregoado em verso é um passaporte dado ao leitor para o reino da incredulidade; que me perdoem o estilo os manes da *Fênix renascida*. Eu creio que nunca se pode exprimir o que se sente. “Há tanta distância daquilo que se sente ao que se escreve, disse Lamartine, como da alma às vinte e quatro letras<sup>149</sup> do alfabeto.”<sup>150</sup> E é assim. No momento em que estamos sob uma impressão dolorosa, ou mesmo d’alegria, as palavras que buscamos e as que ele nos sugere são fracas, impotentes e incapazes de traduzir o que sente o coração. Quem há aí que não sinta diariamente a verdade do que afirmo? Podem negá-lo aqueles que pertendem<sup>151</sup> fazer passar os seus versos como sentidos e filhos do coração; mas, digo-lho eu alto e bem claro, é uma ridícula pretensão. Que os creiam as mulheres, que são quem sempre é burlado e perde nestas cousas, *transeat*; mas os homens, e os que escrevem!...

Passado esse momento, quando o sentimento se torna mais uma recordação do que impressão que era, então, sim, que se escreve e com sentimento mas com um sentimento de reflexão, com um sentimento-eco, se é lícito dizer-se. Esse mesmo, porém, é raro. Digam o que quiserem; eu tenho esta convicção, que nada, se Deus quiser, há de tirar-me.

E tudo isto a propósito duns versos! Às vezes assim é preciso.

---

<sup>147</sup> “Amor! quem sabe etc.”] Amor! quem sabe etc. – em DIWAN.

<sup>148</sup> “A vida é assim...”] “A vida é assim...” –em DIWAN.

<sup>149</sup> letras] letra – em DIWAN.

<sup>150</sup> Em DIWAN, todas as linhas, entre as aspas de abertura e as de fechamento, trazem aspas de abertura no início.

<sup>151</sup> Ver nota 81.

## XV

“Gosto de estar etc...”<sup>152</sup>

Quem não conhece a fonte de Vaucluse, junto da qual vinha buscar inspirações o apaixonado cantor da *diva Laura*? Quem não viu ainda aquela poética descrição da Niágara, feita pelo autor dos *Souvenirs d’Amérique*? Quem não leu, em francês, que na tradução recomendo que a não leiam, aquela linda novela de Chactas e Atala?

Só quem não conhece os divinos versos de Petrarca, e a bela prosa de Chateaubriand.

## XVII

“Não chores...”<sup>153</sup>

Zuleikha é o nome da *Noiva de Abidos* de Byron; e Zelim é o do seu amante, que morreu afogado no Helesponto.<sup>154</sup>

Natércia, era, segundo dizem, D. Catarina d’Ataíde, de quem Camões estava apaixonado, e a quem, enquanto vivo, dedicou versos sentidíssimos.

Beatriz era a filha de el-rei D. Manuel, que casou com o duque de Saboia, e de quem Bernardim Ribeiro estava apaixonado.

## XIX

“Hei de amar-te etc.”<sup>155</sup>

Este pensamento é talvez o de Abuyezid, num quarteto citado por Hadj-Lotfali-Beg no seu *Atesch-Kedeh*:

“É preciso, diz ele à sua bela, que eu te fale, em duas palavras, do meu amor:

Seguir-me-á na noite do túmulo; e no dia em que os homens têm de comparecer ante o juiz eterno, ressuscitará comigo.”<sup>156</sup>

Será o mesmo? Eu chamo-lhe imitação, e essa, como diz Houdry, não é uma usurpação, mas uma semelhança. É a melhor apologia possível do plagiato.

---

<sup>152</sup> “Gosto de estar etc...”] “Gosto de estar...” – em DIWAN.

<sup>153</sup> “Não chores...”] “Não chores...” – em DIWAN.

<sup>154</sup> Helesponto.] Holesponto. – em DIWAN.

<sup>155</sup> “Hei de amar-te etc.”] “Hei de amar-te etc. – em DIWAN.

<sup>156</sup> Em DIWAN, todas as linhas, entre as aspas de abertura e as de fechamento, trazem aspas de abertura no início.

### XXIII

“Não creias etc.”<sup>157</sup>

Que me perdoem os puristas de linguagem este – Ágora –. Está aí, escrevi-o de propósito, na acepção em que se usa no Minho geralmente, e que eu não posso, nem ninguém, expressar claramente doutro modo. Expliquem-me, se podem, por outras palavras, este exemplo:

“Não sabes? Morreu fulano.

– Ágora!?!...<sup>158</sup>

Que quererá dizer? – Que me dizes?! – Pois isso é verdade?! – Mas é que a sua aplicação é mais ampla ainda.

“Estás dormindo?

– Ágora estou!...<sup>159</sup>

E outras muitas, que, comparadas, fazem uma Babilônia de acepções e sentidos, em que será difícil achar uma ideia exata. Faria eu mal em empregar o termo? Pensem o que quiserem; eu creio que fiz muito bem.

### XXIV

Os primeiros versos desta poesia são uma quase imitação<sup>160</sup> de Emry, poeta turco, de quem é o seguinte *beyt* (dístico):

“Que fazes tu neste mundo sem amigos?

Podes passear num jardim onde não há uma rosa?”<sup>161</sup>

### XXVIII

“Podes abrir...”<sup>162</sup>

Ainda nestes versos um pensamento tirado aos poetas do Oriente. “Uma vez que esta desdenhosa bela se inclina para os meu rivais, cessarei de amá-la. Para que hei de eu ser a borboleta dum facho que prodigaliza a sua luz aos outros?”<sup>163</sup> – São estas as palavras do elegante e melodioso príncipe Helali, poeta persa, que imitei.

---

<sup>157</sup> “Não creias etc.”] “Não creias etc. – em DIWAN.

<sup>158</sup> – Ágora!?!...] – Ágora!?!.. – em DIWAN.

<sup>159</sup> – Ágora estou!...] – Ágora estou!.. – em DIWAN.

<sup>160</sup> imitação] mitação – em DIWAN.

<sup>161</sup> Em DIWAN, depois das aspas iniciais, todas as linhas trazem aspas de abertura no início.

<sup>162</sup> “Podes abrir...”] “Podes abrir...” – em DIWAN.

<sup>163</sup> Em DIWAN, desde as aspas iniciais, até o fechamento delas, todas as linhas trazem aspas de abertura no início e de fechamento no final.

**XXX**

“É este o sítio em que...”<sup>164</sup>

Há talvez nestes poucos versos um sentimento de saudade mal disfarçada pela forma em que se envolve. Há, que mo disse alguém, que em objetos de sentimento é mestre: uma mulher, que, ao coração de mulher, reúne um espírito cultivado e poético. Estaria ela enganada como eu?

**XXXIII**

“Não leias mais romances...”<sup>165</sup>

Estes versos parecerão à primeira vista demasiado severos; mas é que não são extensivos a todas as leitoras. Para melhor se lhe compreender o alcance, vou copiar aqui uma carta, que, para conjurar a tempestade, escrevi a uma amiga minha:

Minha querida \* \* \* \*

.....  
“Quando leres o meu *Diwan* e chegares à poesia XXXIII, se a primeira te não fartar demasiado, o que Deus não permita, hás de, talvez, lançar-me o teu *anathema*. O que, porém, é mais aterrador para o pobre autor do livro, é a *magna comitante caterva* de esconjuras, que, decerto, hás de com o teu almiré acarretar sobre ele; que o teu fácil lhe é conseguir que se converta em clemência.

Aqueles versos, não se entendem com aquelas, que, como tu, minha boa amiga, fazem uma bela e rigorosa escolha de livros, e, sobretudo, de romances. A mulher que avalia e compreende as belezas poéticas da Bíblia, que lê Kempis e Roselly de Lorgues; que à leitura do nosso Herculano e Garrett,<sup>166</sup> reúne a de Zorrilla e Espronceda; que decora páginas de Camões e do Tasso, e me repete os mais sentidos versos de Petrarca, não pode chamar-se uma leitora de romances. Felizes todos nós os que frequentamos a sociedade se sempre encontrássemos mulheres modestas e despretensiosas como tu, se me dás licença de te fazer este elogio. Encontro-as, às vezes, tão ridiculamente pretenciosas, que me fazem lembrar aquela célebre receita, que Bresciano aplica às damas italianas que manchavam a sua com a língua francesa.<sup>167</sup> Tu mesma, minha

<sup>164</sup> “É este o sítio em que...”] “É este o sítio em que...” – em DIWAN.

<sup>165</sup> “Não leias mais romances...”] “Não leias mais romances...” – em DIWAN.

<sup>166</sup> Garrett,] Garret, – em DIWAN.

<sup>167</sup> Em DIWAN, entre esta palavra e a seguinte há um número 1 entre parênteses, que remete a esta nota de rodapé do Autor: “Una specie ella é questa di mal francese, por guarirle dal quale un pezzo ci vorrebbe di Legno Santo, lungho per lo meno due braccia.” [Em DIWAN, a palavra inicial do período vem grafada “Uma”.]

boa. . . . ., que tanto tens ridicularizado essas *bas-bleu*,<sup>168</sup> és da minha opinião. As que têm uma boa leitura, as que estudam têm uma conversa agradável e até instrutiva, de que, não raras vezes, se colhe proveito, porque, há de permitir-me que to diga, a mulher verdadeiramente literata tem duplicado mérito que muitos homens de letras que por aí vejo, como \* \* para não ir mais longe.

Peço-te, pois, que não tomes esses versos senão como apropriados à Júlia C. . . . e outras como ela, que o romance tem perdido, e que não podem tolerar-se com as suas listas de autores de novelas e de quantos livrinhos franceses há por aí sem mérito nenhum, senão o da imoralidade...<sup>169</sup>

Remeto-te o Herder, que me pediste; mas recomendo-te que o leias com precaução, pois que as suas ideias a respeito da divindade dos nossos livros sagrados não são nada conformes às entre nós seguidas, como verás comparando-o com o J. Glaire.

Hoje vamos ter o *Thaumaturgo* do Brás Martins. Se quiseres dar-nos o prazer da tua companhia, manda-mo dizer; e crê-me

Teu etc. etc.”<sup>170</sup>

Infelizmente há poucas neste caso. A nossa literatura podia ganhar muito, se algumas que eu conheço se dedicassem ao estudo, em vez de se entregarem à leitura dos romances, com que elas sempre perdem e nada ganham. E é que a maior desgraça é não darem valor a um romance moral e civilizador, porque, dizem elas, é *fóssil!*...

### XXXV

“Eu li uns versos meus etc.”<sup>171</sup>

Alguém me criminou já de cinismo nestes versos. À fé, que são a realidade. Sucede o mesmo a todos. Ninguém há que, passados tempos, não deseje apagar o seu nome de debaixo duma ou outra cousa que escrevera. Nem eu estou mesmo longe de pensar que desejarei fazer um dia o mesmo a estes versos. Por ora, graças a Deus, ainda os não acho tão maus como isso. Pensarão todos assim? Não o creio, sei-o mesmo com certeza, mas não me dá cuidado: *nec voto vivitur uno*.

<sup>168</sup> *bas-bleu,*] *blas-bleu,* – em DIWAN.

<sup>169</sup> imoralidade....] imoralidade....” – em DIWAN.

<sup>170</sup> “Teu etc. etc.”] “Teu etc. etc. – em DIWAN. Nessa edição, as aspas não se fecham neste ponto; e todas as linhas, desde a abertura das aspas, trazem aspas de abertura no início.

<sup>171</sup> “Eu li uns versos meus etc.”] “Eu li uns versos meus etc. – em DIWAN.

## XL

“Rosa, por que não crês...”<sup>172</sup>

Se as mulheres soubessem como geralmente se lhes fazem versos, acreditavam tanto neles como eu. Raro, muito raro sucede que em verso se diga o que se sente: “A paixão é a paixão, disse Byron; ou pelo menos, foi-o até que se tornou uma moda.”<sup>173</sup> Nós estamos neste último caso. Entre nós a poesia nem é um reflexo, nem uma expressão fiel do que sente o coração. Esses poucos versos, que, ainda, por felicidade nossa e honra da poesia, protestam contra esta ideia, são uma exceção raríssima e muito estimável. Mas a *moda* tem hoje acomodado a poesia a tudo. A mulher, porém, é o seu alvo predileto; a ela se dirigem todos os tiros desta batalha versejadora. E quando se diz a verdade? Que o diga essa rapsódia, essa reprodução contínua do mesmo pensamento, apresentado sempre com as mesmas formas, porque, nem, ao menos, há nisso variedade; esse sentimento e sofrimento íntimos que todos os dias se alardeiam em versos pela milésima vez escritos.

Se as mulheres soubessem o que pode uma tenção fixa, e uma cabeça sossegada, calculando ideias e fabricando versos, a sangue frio, não acreditaria tanto neles!

## XLIII

“Sofre e resigna-te...”

Depois de impressos, vi nestes versos um erro de história. Podê-lo-á consentir a opinião pública à liberdade do poeta? Pode: já os consentiu em prosa e dos palmares, a um dos maiores homens do século passado.

## LVI

“É coisa singular! a etc. —...”<sup>174</sup>

Quem é que ainda não leu as *Mil e uma noites*?

Schahriar era um sultão tártaro, que, em consequência duma infidelidade, mandava matar pela manhã a mulher com quem passava a noite.

Scheherazada foi a filha do Grã-Vizir, que, com os dotes da sua imaginação noveleira e poética, o soube atrair, e, por consequência, dilatar a vida por mil e uma noites, tendo-se proposto e oferecido para isso mesmo.

---

<sup>172</sup> “Rosa, por que não crês...”] “Rosa, por que não crês...” – em DIWAN.

<sup>173</sup> Em DIWAN, desde as aspas iniciais até este ponto, todas as linhas trazem aspas de abertura no início.

<sup>174</sup> “É coisa singular! a etc. —...”] É coisa singular! a etc. —.... – em DIWAN.

## LXVIII

“Tu chamas-me...”<sup>175</sup>

É esta a mimosa canção popular do Minho, que Byron imitou, tão digna a achou ele de figurar entre os seus versos. Darei em seguida a sua imitação, tal qual se lê nas *Miscelâneas* dele;

“Nos momentos consagrados ao prazer, tu exclamas com um acento de ternura: – Oh! minha vida! – palavras encantadoras que bastariam ao meu coração se a juventude não murchasse, nem morresse. Ah! mas as horas mais deliciosas conduzem à morte! Não repitas, pois, essas palavras; ou, em vez de me chamares: – Minha vida – chama-me antes: – Minha alma!<sup>176</sup> – A alma, ao menos, deve ser eterna como o meu amor.”<sup>177</sup>

Apesar do gênio criador e poderoso de Byron, eu quisera antes ser autor do original.<sup>178</sup> Aquele pensamento pode imitar-se; mas o conceituoso, o conciso e singelo do estilo é inimitável.

## LXX

“Amigo, dorme...”<sup>179</sup>

Karavan é uma palavra turca, que significa peregrinação. O tempo, porém, tem alterado esta significação, que se referia à romaria anual de Mekka, ordenada a todos os turcos que tinham meios ou não eram empregados. Os turcos diziam, como provérbio, a respeito desta karavana: “peregrinação e negócio.” E, na verdade, este último era mais o motivo da peregrinação, onde negociavam com os persas, com os índios e africanos. O número de pessoas que faziam esta peregrinação todos os anos subia a cinquenta mil, que se reuniam no monte Arefat. O principal chamava-se sura-emini, nomeado pelo Sultan para levar todos os anos a Mekka cinco mil sequins, um Koran coberto d’ouro, sobre um camelo, e um tapete de pano negro para cobrir o exterior do templo. O camelo que levava o Koran, à sua volta, era adornado de flores,

---

<sup>175</sup> “Tu chamas-me...”] “Tu chamas-me....” – em DIWAN.

<sup>176</sup> Em DIWAN, aqui há fechamento de aspas, cuja abertura deve estar antes do travessão que precede “Minha vida”. Esse travessão, entretanto, está em início de linha, e todos os inícios de linha trazem aspas de abertura. Entendemos que o melhor seria suprimir as aspas de fechamento.

<sup>177</sup> Em DIWAN, desde a abertura das aspas até seu fechamento aqui, todas as linhas trazem aspas de abertura no início e de fechamento no fim.

<sup>178</sup> original.] original – em DIWAN.

<sup>179</sup> “Amigo, dorme...”] “Amigo, dorme.....” – em DIWAN.

e isento de trabalhar o resto da sua vida. Esta Karavana era guardada por alguns mil soldados, pagos pelo grã-senhor; mas isso nem sempre a livrava de ser acometida e roubada pelos árabes.

Hoje esta palavra tem uma significação mais larga. Não só designa a peregrinação, senão a viagem e a multidão das pessoas que a empreendem.

– “O violento e destruidor vento, chamado no Egito *camsin*, e na Arábia *simún*, é um dos fenômenos mais maravilhosos da natureza. Quanto esta tempestade do deserto começa, os viajantes não podem atravessá-lo sem se arriscarem a morte quase certa. Os camelos, que sentem duas ou três horas antes a aproximação da terrível rajada, voltam-lhes as costas e fincam os pés na areia. Trabalho baldado fora querê-los tirar desta postura, ainda que estejam sem comer, nem beber, uns poucos de dias, que uns poucos deles dura, às vezes, o furacão. A Providência deu a estes animais semelhante instinto, que nunca os engana. Advertidos por este sinal, os homens tratam de tomar as necessárias precauções. Não basta pôr os cavalos nalguma abrigada; é preciso também cobrir-lhes a cabeça, e tapar-lhes as orelhas; aliás seriam afogados por turbilhões de areia sutilíssima, que o vento furioso traz diante de si. Os homens reúnem-se em tendas, cujas entradas e fendas tapam com todo o cuidado, depois de se terem provido de água, que põem em sítio onde facilmente possam lançar mão dela, deitando-se, depois, no chão com a cabeça embrulhada, e assim estão até passar o furacão devastador. Furiosas rajadas levantam nuvens de areia abrasada, que forma redemoinhos impetuosos, e derruba quanto encontra no caminho, e amontoa-se em grandes medões. Se toca em alguma parte do corpo humano, as carnes ficam queimadas, como se lhes houvessem chegado um ferro em brasa. A água chega a ponto de ferver, e a temperatura do ar nas tendas é a da mais quente estufa. Desgraçados daqueles que não puderam pôr-se a salvo da tormenta. Quando o *simún* chega a dar na cabeça a alguém, rebenta-lhe logo o sangue às golfadas pela boca e pelos narizes; a cara incha-lhe, faz-se-lhe negra, calcina-se como se tivesse sido metida num forno a arder, e o infeliz expira dentro de alguns minutos.

Este vento ardente é, por via de regra, precedido de um meteoro avermelhado, que enche grande porção do horizonte: um ativo cheiro de betume, que sai daquela-cerração avermelhada, anuncia o *simún*. A nuvem vai-se engrossando, por fim estoura, e a areia escurece o ar por tal modo, que é impossível ver nada a três varas adiante dos olhos. Alguns viajantes asseveram que tribos de árabes, e karavanas inteiras, têm sido sepultadas debaixo dos medões de areia que o vento amontoa; mas estas narrações são porventura exageradas.”<sup>180</sup> (Pan.)

---

<sup>180</sup> Em DIWAN, entre as aspas de abertura e as de fechamento, não há nesta passagem, como de costume, as aspas de abertura no início de cada linha.

– Os poetas d’árabes falam, muitas vezes, destes vapores que se elevam nos desertos quando o calor é excessivo, e que enganam o viajante sequioso, apresentando-lhe a aparência da água. Este fenômeno, conhecido pelo nome de – serab – (miragem), é o objeto duma dissertação científica do sábio Monge, no 1.º volume, pág. 64, das *Memoires sur l’Egypte pendant les campagnes du general Bonaparte*.

Na relação da marcha do exército francês na volta da expedição da Síria, inserta no número 31 do *Courrier de l’Egypte*, lê-se, à<sup>181</sup> pág. 3, a seguinte observação feita por ocasião de um reconhecimento da parte oriental do lago de Menzaleh, por muitos generais do exército francês:

“O ardor do sol era excessivo, e tornava as ilusões da miragem tão semelhantes à realidade, que, por muitas vezes, quase nos enganávamos.

Este fenômeno...<sup>182</sup> ofereceu-se, muitas vezes, aos nossos olhos no deserto. Não se imagina quanto o sentimento da sede se irrita por este engano do sol, que faz aparecer a imagem da água no meio dum espaço árido.”<sup>183</sup>

Faz-se menção deste fenômeno no Koran (surah 24, v. 39, na edição de Hinchelmann, e na de G. Fluegel), fazendo comparação das ações dos ímpios a este vapor:

“Quanto aos incrédulos, as suas obras serão como a miragem do deserto, que o homem sequioso toma pela água, até que corre e não encontra nada.”<sup>184</sup>

Beidawi diz que “se chama – serab – aquele fenômeno que se presencia no deserto, produzido pelo resplendor do sol à hora do meio-dia: parece água que corre.”<sup>185</sup>

A miragem vai retirando, vai-se apartando ao passo que os viajantes se aproximam do lugar onde julgavam encontrar a água.

Assim, torna-se um martírio interminável nas horas de maior calma, nas angústias de uma sede abrasadora no meio do ardor da aridez do deserto.

– A palavra seray é persa e significa um hotel. Os turcos aplicaram-na ao palácio do Sultão. Reunida a karavan, (karavan-seray), significa as hospedarias, os estabelecimentos que se encontram pelos caminhos para os viajantes descansarem.

---

<sup>181</sup> à] a – em DIWAN.

<sup>182</sup> Este fenômeno...] “Este fenômeno.... – em DIWAN.

<sup>183</sup> Em DIWAN, entre as aspas de abertura e as de fechamento, todas as linhas do texto trazem aspas de abertura no início.

<sup>184</sup> Em DIWAN, este parágrafo traz aspas de abertura no início de todas as suas 4 linhas.

<sup>185</sup> Em DIWAN, entre as aspas de abertura e as de fechamento, todas as linhas do texto trazem aspas de abertura no início.

LXXVI

“Chegou a primavera...”<sup>186</sup>

A palavra *kaftan* significa – vestido de cerimônia. Todos os dicionários e vocabulários que consultei me dão apenas esta explicação. Diz, porém, Marcel que *kaftan* é o mesmo que *kissa* e *khilah*, e este último já eu li que era como o *hyke* dos Kabylas, que é o *peplus* dos antigos (J. Pollux. l. VII, c. XIII), e que é muito provável seja a *toga* dos romanos (Isid. *Origin.* l. XIX, c. XXIV), porque nas suas estátuas vemos que essa é como o *hyke*, com a diferença de que em vez da *fibula* dos antigos, os Kabylas usam um cordão cingido.

LXXXI

“Sentado sobre o cimo...”<sup>187</sup>

Esta poesia, a seguinte, e a CI, publico-as, porque são, em consciência, as únicas já publicadas, que me não arrependo de ter escrito.

LXXXVI

“Oh! minha idealidade...”<sup>188</sup>

*Kef* é uma expressão, que, como outras muitas, não tem equivalente nas línguas europeias. Apenas o *dolce far niente*<sup>189</sup> italiano pode dar uma fraquíssima e remota ideia da sua verdadeira significação.

É aquele estado de morbidez e languidez que segue a fadiga e prostração do corpo; aquele meio termo entre o sono e a vigília, em que o uso dos sentidos está como suspenso, e a cabeça se povoa de fantásticas e exóticas imagens.

É este o maior prazer dos turcos, que, cruzados sobre o seu diwan, e olhos cerrados, saboreiam o seu *tschibukh*, alternando-o com o aromático *kavne*.

---

<sup>186</sup> “Chegou a primavera...”] “Chegou a primavera...” – em DIWAN.

<sup>187</sup> “Sentado sobre o cimo...”] “Sentado sobre o cimo.....” – em DIWAN.

<sup>188</sup> “Oh! minha idealidade...”] “Oh! minha idealidade....” – em DIWAN.

<sup>189</sup> *far niente*] *farniente* – em DIWAN.

### CIII

“Oh! minha adega...”<sup>190</sup>

Harém é o palácio das mulheres; única significação que lhe dá Preindl. As mulheres de que esse palácio se compõe dividem-se em Cadinhas, que são as mais nobres e as primeiras em dignidade;<sup>191</sup> Odaliscas que tratam do serviço doméstico; e Ustas, que fazem particularmente o serviço da *Sultana-Validé* (sultana mãe), das cadinas, etc. Favorita é a odalisca, que tem a ventura de merecer os amores do Sultão.

Estas diferentes mulheres quase sempre perdem o nome, e têm um alusivo às suas qualidades morais ou dotes físicos; como Hayati (que dá a vida); Safayi (que busca o prazer); etc. etc.

No paraíso que Mahomet promete aos muçulmanos, há de haver lindas raparigas, chamadas *Hur al oyun*, por causa dos seus lindos olhos negros. Não são criadas de terra como as mulheres mortais; mas de pura almíscar. São isentas de todas as impurezas, de todos os defeitos e acidentes do seu sexo; são da mais perfeita modéstia e estão ocultas aos olhos do público por pavilhões feitos de pérolas ocas cada uma das quais, segundo alguns comentadores, pode cobrir, em todo o seu comprimento e largura, sessenta mil parasangas. Parsanga é uma medida itinerária pársia, que é de 3.750 passos. A este lugar chamam uns o *Jardim*, outros *Jardim do prazer*; outros finalmente o *Jardim do Paraíso*.

De *Hur* deriva, pois, o nome de *huri*.

### CIX

“Ai! não me deixes...”<sup>192</sup>

Kata é uma ave cinzenta, que voa sempre em bando, e que indica aos árabes do deserto os lugares onde há água. No *Lamiyyat-Alarab*, poema de Schanfara, que era da tribo de Azd e do número daqueles que se distinguiam pela ligeireza na corrida, o poeta, depois de ter feito o elogio do modo por que suporta a fome, pinta a rapidez da sua marcha, quando, para procurar uma<sup>193</sup> cisterna para saciar a sede, vence o *kata*.

“Os *katas*, diz ele, de plumagem cinzenta, que têm voado toda uma noite para encontrar uma cisterna, agitando o ar com o estrépito de suas asas, não bebem senão o resto das águas onde eu me saciei. Partimos ao tempo para apagar a sede; correremos à

---

<sup>190</sup> “Oh! minha adega...”] “Oh! minha adega...” – em DIWAN.

<sup>191</sup> dignidade;] dignidade; – em DIWAN.

<sup>192</sup> “Ai! não me deixes...”] “Ai! não me deixes...” – em DIWAN.

<sup>193</sup> uma] um – em DIWAN.

porfia para obter o objeto dos nossos desejos; eles parecem embaraçados no seu voo, enquanto, sem me apressar, lhes tomo a frente, como se fosse o chefe do seu bando.

Retirei-me e deixei-os, depois de apagada a sede; extenuados de fadiga, arrojam-se precipitadamente sobre as bordas úmidas da cisterna, e mergulham no limo o pescoço e o papo. A bulha que eles fazem em volta deste mar, é como a<sup>194</sup> de um rancho de viajantes no momento em que para a karavana para acampar. Correm de diversas partes para a cisterna; ela reúne as suas tropas num centro comum, como os cavalos dum acampamento de árabes se reúnem em volta de um bebedeiro. Beberam até à saciedade, e, retomando o voo, partiram logo, semelhando, no momento em que os primeiros raios do sol alumiam a sua retirada, a uma karavana da<sup>195</sup> tribo de Odah, que apressa a sua partida.”<sup>196</sup>

No 2.º volume, pág. 369, da 2.ª edição da *Chrestomathie*<sup>197</sup> arabe, de M. Silvestre de Sacy, vem a tradução da descrição que dá do *Kata* o autor árabe, Zacaria - bem - Mohammed - ben - Mahmud - Kaswini.

Esta ave é a consolação do árabe do deserto.

## CX

“Acabo de ler...”<sup>198</sup>

Estes poucos versos foram escritos depois da leitura daquela imitação de Byron, que já citei na nota LXVIII; e os versos que apresento aqui na boca de uma camponesa são realmente uma canção popular, mimosa e terna, como geralmente entre no<sup>199</sup> nosso povo se encontram muitas.

O príncipe dos nossos poetas líricos, o sr. João de Lemos, nuns lindos versos seus parece ter imitado, como o fizera Byron, a doce inspiração das musas bucólicas do Minho.

Postos nos meus os teus olhos,  
Nesse olhar tão confundidos,  
Que, no doce confundir,

---

<sup>194</sup> a] o – em DIWAN.

<sup>195</sup> da] de – em DIWAN.

<sup>196</sup> Em DIWAN, depois das aspas de abertura, há também aspas de abertura no segundo parágrafo (antes de “Retirei-me”) da citação que termina aqui com aspas de fechamento.

<sup>197</sup> *Chrestomathie*] *Chrestomathia* – em DIWAN.

<sup>198</sup> “Acabo de ler...”] “Acabo de ler.....” – em DIWAN.

<sup>199</sup> no] o – em DIWAN.

Eu já dos meus não sabia,  
Que disseste, então, MARIA?<sup>200</sup>

São estes os seus versos, se me não engano, pois os cito de memória; e perdoe-me o ilustre poeta o arrojo. Não pude resistir ao desejo, de, depois de ter apresentado o Byron inspirado duns versos populares, apresentar também ao seu lado o melhor dos nossos poetas, João de Lemos!



### Referências

BYRON, Lord. *The bride of Abidos*. A Turkish tale. London: John Murray, 1813.

SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Tipografia de Antônio José da Rocha, 1858. 2t.

SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Tipografia de Joaquim Germano de Sousa Neves, abril-1877. 2t.

SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. revista, corrigida, muito aumentada e atualizada por Augusto Moreno. Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12v.

SOROMENHO, Augusto. *Diwan*. Porto: Tip. do Portugal, 1862.  
<https://www.google.com.br/books/edition/Diwan/0KVbAAAACAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=diwan&printsec=frontcover>

*VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa*. Versão 2021-2022. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

---

<sup>200</sup> Em DIWAN, todos estes versos vêm deslocados para a direita, alinhados entre si, com aspas de abertura do no início; e há aspas de fechamento no final do último verso. O espaçamento entre os versos é o mesmo do texto – havendo espaço maior apenas depois do último (antes do primeiro não é possível ter certeza, porque o verso vem em alto de página).

**Referências eletrônicas**

*VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa*. Versão 2021-2022. Disponível em:  
<<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.